

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

JÉSSICA VICÊNCIA DAS CHAGAS MACHADO

**LITERATURA FEMININA E NEGRA E SUAS RELAÇÕES
EDUCACIONAIS: ESCRIVÊNCIAS FORMATIVAS DE
CONCEIÇÃO EVARISTO**

CRICIÚMA

2021

JÉSSICA VICÊNCIA DAS CHAGAS MACHADO

**LITERATURA FEMININA E NEGRA E SUAS RELAÇÕES
EDUCACIONAIS: ESCRIVÊNCIAS FORMATIVAS DE
CONCEIÇÃO EVARISTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Alex Sander da Silva

CRICIÚMA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

L1491 Machado, Jéssica Vicência das Chagas.

Literatura feminina e negra e suas relações educacionais : escritivências formativas de Conceição Evaristo / Jéssica Vicência das Chagas Machado. - 2021.

131 p.

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Programa de Pós-Graduação em Educação, Criciúma, 2021.

Orientação: Alex Sander da Silva.

1. Evaristo, Conceição, 1946-. 2. Literatura brasileira - Escritas negras. 3. Negros - Identidade racial. 4. Negras na literatura. 5. Negras - Educação. 6. Cultura afro-brasileira - Estudo e ensino. 7. Relações étnico-raciais. I. Título.

CDD. 22. ed. 370.117

Bibliotecária Eliziane de Lucca Alosilla - CRB 14/1101
Biblioteca Central Prof. Eurico Back - UNESC

JESSICA VICÊNCIA DAS CHAGAS MACHADO
LITERATURA FEMININA E NEGRA E SUAS RELAÇÕES
EDUCACIONAIS: ESCRIVÊNCIAS FORMATIVAS DE
CONCEIÇÃO EVARISTO

Esta dissertação foi julgada e aprovada para obtenção do Grau de Mestre em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense.

Criciúma, 21 de outubro de 2021.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Alex Sander da Silva
(Orientador – UNESC)



Documento assinado digitalmente
Diretor: Eliane Santana Dias Debus
Data: 10/10/2021 11:44:05-0300
CPF: 054006.215-71
Verifique as assinaturas em <https://sistema.ufsc.br>

Profa. Dra. Eliane Santana Dias Debus
(Membro – UFSC)



Profa. Dra. Jaqueline Aparecida
Martins Zarbato (Membro – UFMS)

Profa. Dra. Graziela Fatima
Giacomazzo (Suplente - UNESC)



Prof. Dr. Vidalcir Ortigara
Coordenador do PPGE-UNESC



Jessica Vicência Das Chagas Machado
Mestranda

À minha amada família, luz que ilumina minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que me segurou em suas mãos por inúmeras vezes e me sustentou para que eu pudesse chegar aqui, ultrapassando todas as adversidades que encontrei pelo caminho.

À minha mãe Rubnélia e às minhas avós Oneide Vicência e Maria Chagas, fortes mulheres negras que tanto lutaram para que eu tivesse uma formação sólida e pudesse ultrapassar as barreiras que elas não conseguiram.

À minha família, que lidou com minha ausência, em especial à minha pequena Manuela Chagas, que compreendeu a falta de tempo para as brincadeiras, e que mais do que isso, mostrava interesse pela minha pesquisa e que passou a admirar junto a mim o trabalho de Conceição Evaristo, mesmo sem ter a real dimensão de sua importância.

Ao meu amado marido João Paulo Jacques Machado, que sonhou tudo isto ao meu lado e que abriu mão de muitos sonhos pessoais para que eu realizasse o meu e que secou diversas lágrimas derramadas sob estas páginas. Obrigada por ser meu suporte, por não me deixar desistir e me mostrar o que é ser família. Amo você!

Ao meu filho Pedro Machado, que acompanhou parte desta pesquisa em meu ventre e que mesmo sem ter chegado ao mundo, me deu forças para continuar e para sonhar com um mundo melhor para ele.

À UNESCO que vem há muitos anos sendo a base para o meu desenvolvimento pessoal e profissional e aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação pela oportunidade de aprendizado. Em especial, agradeço à sempre querida e sorridente Vanessa Morona, secretária do Programa.

Agradeço ao meu querido orientador, professor Dr. Alex Sander da Silva sempre paciente e pronto a me ouvir, a quem não vejo como orientador e sim como um amigo. Muito obrigada pela forma humana e amigável que conduziu as orientações e esta pesquisa.

À professora Dra. Luciane Bisognin Ceretta, Magnífica Reitora da Unesc, pela confiança depositada em mim e no meu trabalho e por me proporcionar a possibilidade de ser Ouvidora desta tão importante Universidade Comunitária. Nunca houve palavras para agradecer devidamente.

Ao Programa de Bolsas Universitárias de Santa Catarina – Uniedu pelo recurso fornecido, sem o qual eu não conseguiria dar andamento à minha pesquisa.

Às muitas mulheres negras que passaram pela minha vida e deixaram grandes ensinamentos, recordações e inspirações. Meu mais que muito obrigada a vocês: Maria Chagas, Jennifer, Maria Eduarda, Iara, Andréa, Rubneide, Rubnara, Normélia, Maria Helena, Gabriella, Luana e em especial à Maria Regina Chagas, que me ensinou sobre o amor pela literatura.

Às minhas amigas Débora e Duda que sempre me apoiaram em busca dos meus objetivos e que inclusive contribuíram com a revisão deste trabalho. Muito obrigada pela amizade, meninas.

Aos amigos e colegas que fiz no decorrer do mestrado e que foram essenciais para este trabalho, seja pelos conhecimentos e experiências compartilhadas ou pela troca de energia nos momentos difíceis.

Às queridas professoras da banca examinadora pelo aceite ao convite e pelas imensas contribuições dadas a este trabalho.

VOZES-MULHERES

A voz de minha bisavó
 ecoou criança
nos porões do navio.
 Ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
 ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
 ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
 debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
 pelo caminho empoeirado
 rumo à favela

A minha voz ainda
 ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
 e fome.

A voz de minha filha

recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.

CONCEIÇÃO EVARISTO

(Poemas de recordação e outros movimentos, 1990, p. 10-11).

Eles querem que alguém
Que vem de onde nós vem
Seja mais humilde, baixe a cabeça
Nunca revide, finja que esqueceu a coisa
toda
Eu quero é que eles...
(Mandume - Emicida)

RESUMO

A obrigatoriedade do ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira após a aprovação da Lei 10.639/03 veio impulsionar a necessidade de mergulhar nesse universo de representações no debate educacional. Isso significa trazer à tona potencial formativo do que é proposto como literaturas negras inseridas no contexto educacional, além de discorrer sobre a invisibilidade de produções intelectuais de autoras negras, particularmente, na literatura brasileira. Desta forma, delimitou-se o seguinte problema de pesquisa: qual o potencial formativo da literatura feminina e negra de Conceição Evaristo para a educação das relações étnico-raciais no contexto da Lei 10.639/03? O trabalho tem como objetivo geral analisar o potencial formativo da literatura de mulheres negras em Conceição Evaristo para o contexto educacional e configurou-se em três objetivos específicos: a) contextualizar as discussões sobre educação antirracista e o acesso da mulher negra à educação; b) compreender os conceitos de narrativas de mulheres negras e Escrivivência na literatura de Conceição Evaristo, a fim de constatar suas potencialidades para a educação das relações étnico-raciais; c) analisar as potencialidades da literatura de Conceição Evaristo para a Educação das Relações Étnico-raciais considerando as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação para as Relações Étnico-Raciais (BRASIL, 2004). A pesquisa se configurou como um estudo qualitativo de cunho bibliográfico e com análise dos títulos *Olhos D'água* (2014) e *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011), cujo foco consistiu em deter-se na literatura de mulheres negras a partir de Conceição Evaristo, para compreender sua potencialidade quando consideradas a partir das Diretrizes para Educação para as Relações Étnico-raciais (BRASIL, 2004). Para atingir o objetivo geral desta pesquisa, foram necessárias leituras e releituras a respeito das identidades dos negros e negras do Brasil, bem como questões relativas as experiências e vivências na vida e na obra de Conceição Evaristo. Partiu-se da compreensão do conceito que a própria autora denominou de *Escrivivências*. Algumas categorias foram centrais, tais como: literatura de mulheres negras, interseccionalidade e luta

antirracista. Ao partirmos deste pressuposto, tomamos como referencial de análise algumas categorias fundamentais, tais como: identidade cultural negra (Kabengele Munanga, 1996, 1999, 2000; Stuart Hall, 1999), literaturas de mulheres negras e Escrivências (Conceição Evaristo, 1996, 2011, 2014, 2020), interseccionalidade (Carla Akotirene, 2019), lugar de fala (Djamila Ribeiro, 2017, 2018), educação na perspectiva étnico-racial (Petronilha Gonçalves e Silva, 2002, 2010, 2011 e Nilma Lino Gomes, 2002, 2010, 2011, 2017). Neste sentido, pretendíamos demonstrar que a literatura de mulheres negras pode contribuir nas reflexões a respeito das temáticas propostas pelas DCNERER. Desse modo, entendemos que seu potencial está em sua narratividade, trazendo para o debate a condição, a resistência e as experiências das mulheres negras, bem como a luta para serem reconhecidas em nossa sociedade, mostrando que a desigualdade enfrentada se acentua mais quando tratamos das mulheres negras e que a desigualdade está inserida inclusive no cenário da literatura nacional.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura de mulheres negras; Formação; Educação étnico-racial.

ABSTRACT

The mandatory teaching of African and Afro-Brazilian history and culture after the approval of Law 10.639/03 boosted the need to delve into this universe of representations in the educational debate. This means bringing to light the formative potential of what is proposed as black literature inserted in the educational context, in addition to discussing the invisibility of intellectual productions by black authors, particularly in Brazilian literature. Thus, the following research problem was delimited: What is the formative potential of Conceição Evaristo's female and black literature for the education of ethnic-racial relations in the context of Law 10.639/03? The work has as general objective to analyze the formative potential of the black women's literature of Conceição Evaristo for the educational context and was configured in three specific objectives: a) To contextualize the discussions about anti-racist education and the access of black women to education; b) Understand the concepts of narratives of black women and *Escrevivência* in the literature of Conceição Evaristo, in order to verify their potential for the education of ethnic-racial relations; c) To analyze the potential of Conceição Evaristo's literature for the Education of Ethnic-Racial Relations considering the National Curriculum Guidelines for Education for Ethnic-Racial Relations (BRASIL, 2004). The research was configured as a qualitative study of bibliographic nature and with an analysis of the titles *Olhos D'água* (2014) and *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011), whose focus was to focus on the literature of black women from Conceição Evaristo, to understand it's potential when considered from the Guidelines for Education for Ethnic-Racial Relations (BRASIL, 2004). The research was configured as a qualitative study of bibliographic nature and with an analysis of the titles *Olhos D'água* (2014) and *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011), whose focus was to focus on the black women's literature from Conceição Evaristo, to understand it's potential when considered from the Guidelines for Education for Ethnic-Racial Relations (BRASIL, 2004). To achieve the general objective of this research, readings and re-readings about the identities of black men and women in Brazil were necessary, as well as issues related to the

experiences and experiences in the life and work of Conceição Evaristo. It started from the understanding of the concept that the author herself called *Escrevivências*. Some categories were central, such as: black women's literature, intersectionality and anti-racist struggle. Based on this assumption, we took as a framework for analysis some fundamental categories, such as: black cultural identity (Kabengele Munanga, 1996, 1999, 2000; Stuart Hall, 1999), black women's literature and *Escrevivências* (Conceição Evaristo, 1996, 2011, 2014, 2020), intersectionality (Carla Akotirene, 2019), place of speech (Djamila Ribeiro, 2017, 2018), education in an ethnic-racial perspective (Petronilha Gonçalves e Silva, 2002, 2010, 2011 and Nilma Lino Gomes, 2002, 2010, 2011, 2017). In this sense, we intended to demonstrate that the literature of black women can contribute to reflections on the themes proposed by DCNERER. Thus, we understand that its potential lies in its narrativity, bringing to the debate the condition, resistance and experiences of black women, as well as the struggle to be recognized in our society, showing that the inequality faced is more accentuated when we deal with black women and that inequality is included in the national literature scenery.

KEYWORDS: Black women's literature; Formation; Ethnic-racial education.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DCNERER - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico- Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana
GEFOCS - Grupo de Estudos em Educação, Formação Cultural e Sociedade
IES - Instituições de Ensino Superior
PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais
UNESC - Universidade do Extremo Sul Catarinense

LISTA DE FIGURAS

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	18
2 PERCURSO BIOGRÁFICO DE CONCEIÇÃO EVARISTO	41
2.1 ORIGEM DE CONCEIÇÃO EVARISTO	43
2.2 A ESCRIVÊNCIA DE CONCEIÇÃO EVARISTO	53
3 EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA E O ACESSO DA MULHER NEGRA À EDUCAÇÃO: QUEM A EDUCAÇÃO ESTÁ FORMANDO?	64
3.1 EDUCAÇÃO E A NEGRITUDE	65
3.2 A MULHER NEGRA NA EDUCAÇÃO: SEU ACESSO E SEU ESPAÇO.....	73
4 DIRETRIZES E ENTRECruzAMENTOS COM A LITERATURA DE MULHERES NEGRAS.....	86
4.1 LITERATURA AFRO-BRASILEIRA COMO FONTE DE FORMAÇÃO.....	87
4.2 A LITERATURA FEMININA E NEGRA DE CONCEIÇÃO EVARISTO	95
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	116
APÊNDICE - FICHA TÉCNICA DAS OBRAS ESCOLHIDAS.	131

1 INTRODUÇÃO

A obrigatoriedade do ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira após a aprovação da Lei 10.639/03 veio impulsionar a necessidade de mergulhar nesse universo de representações no debate educacional. Isso significa trazer à tona o potencial pedagógico-formativo do que é proposto como literaturas afro-brasileiras inseridas no contexto educacional, além de discorrer sobre a invisibilidade de produções de intelectuais negros e negras.

Este trabalho tem como ponto central, o estudo sobre o sentido da literatura e da formação étnico-racial no âmbito do debate sobre formação e identidade cultural a partir de títulos da escritora e professora Doutora em Literatura Comparada, Maria da Conceição Evaristo de Brito, conhecida como Conceição Evaristo. Trata-se de fazer uma ligação de saberes e práticas formativas inovadoras da manifestação cultural negra. Assim, parte-se então do pressuposto de que os materiais literários disponíveis devem se aproximar do tema das relações étnico-raciais para que possamos produzir reflexões sobre a promoção da igualdade racial e sobre a luta e resistência dos movimentos sociais. Contudo, faz-se necessário levantar o seguinte questionamento: quem escreve esses materiais literários, tem mesmo uma relação

direta com as questões étnico-raciais, a ponto de causar uma profunda reflexão no leitor literário?

Outra questão que se faz necessária citar para justificar a presente pesquisa é que durante a minha trajetória de vida a identidade negra esteve presente no cotidiano. Nos espaços que ocupei, sejam como estudante, professora ou gestora da educação superior, sempre me questioneei onde estavam os negros e negras? Meus pares possuíram as mesmas oportunidades de acesso que eu? As respostas exigiam de mim uma postura que demarcasse cada vez mais o meu espaço, pois os meus passos também abririam caminho a outros e outras.

Nascida em uma família de professoras negras, trajetória esta que se iniciou com a força e resistência de minha bisavó, Enedina Alano da Rosa – professora por mais de 50 anos no ensino público, viúva e mãe de quatro filhos, os quais criou sozinha desde muito pequenos, que precisou mudar de cidade para lecionar sem sofrer com o preconceito dos pais de seus alunos – nos ensinou, com a força do próprio trabalho sobre empoderamento, feminismo negro e resistência, sem, talvez, nunca ter pronunciado qualquer uma destas palavras. Estes assuntos sempre pautaram nossas discussões familiares e deixaram registrados em mim inúmeros questionamentos.

A história e trajetória de minha bisavó como grande educadora negra da região foram objetos de estudo da dissertação: “Enedina Alano da Rosa: a identidade da mulher negra educadora no sul do Brasil”, produzida no Programa de Pós-

Graduação em Educação da UNESCO por Kelly Cristina Fernandes da Rosa (2009), sob orientação do professor Dr. Gladir da Silva Cabral. A pesquisa focou no trabalho de minha bisavó como mulher negra educadora, organizadora de movimentos sociais, militante política e religiosa, tendo como ponto central os estudos das relações étnico-raciais na educação, abordando gênero e raça.

Ainda no seio de minha família formou-se, há mais de vinte e cinco anos, umas das entidades do movimento negro da cidade, a Entidade Negra Bastiana – ENEB, que tem por objetivo o combate ao racismo nas escolas públicas e na sociedade cricumense. Nesta perspectiva, a entidade desenvolve várias atividades, sejam elas educacionais ou não, nos diversos segmentos da sociedade.

A entidade foi criada por professoras negras que, por trabalharem em diferentes escolas da cidade, perceberam que as crianças negras tinham em comum um problema: sofriam por conta da discriminação racial. Mesmo já possuindo uma caminhada frente à questão racial, elas decidiram por criar uma entidade que buscasse sanar os problemas que vinham enfrentando em seus ambientes de trabalho.

A ENEB acredita que não basta apenas desenvolver atividades nos ambientes escolares sabendo que o preconceito racial ultrapassa os muros escolares, ele vai muito mais além, por este motivo, a entidade se preocupa em não apenas centrar seu trabalho na educação como também nas demais esferas da

sociedade. O nome da entidade se originou pelo fato de que, coincidentemente, essas mulheres negras terem em suas famílias uma Sebastiana ou Sebastião, nomes estes oriundos da época da escravização como nos conta a história.

Essa relação de proximidade com o Movimento Negro mostrou-me que há outros conhecimentos, epistemologias e lutas que muitas vezes não são consideradas como válidas pela sociedade, mas que existem e resistem por meio dos movimentos sociais.

A professora e pesquisadora Nilma Lino Gomes (2017) pontua sobre estes movimentos sociais:

Foi e tem sido esse mesmo movimento social o principal protagonista para que ações afirmativas se transformassem em questão social, política, acadêmica e jurídica em nossa sociedade, compreendidas como políticas de correção de desigualdades raciais desenvolvidas pelo Estado brasileiro. É também o Movimento Negro responsável por trazer a arte, a corporeidade, o cabelo crespo, as cores da África para o campo da estética, da beleza, do reconhecimento e da representatividade [...]. Todos são, de alguma forma, herdeiros dos ensinamentos do Movimento Negro, o qual, por conseguinte, é herdeiro de uma sabedoria ancestral. (GOMES, 2017, p. 18).

Apesar de a questão racial estar enraizada na minha identidade, em minha vida acadêmica, pouco ou nada se debateu sobre a presença das mulheres negras nos espaços, nem mesmo sobre identidade feminina negra. No ambiente escolar, o qual é um importante espaço para a reflexão da própria identidade e da cultura a qual pertencemos, posso afirmar com toda a certeza que nas aulas, poucas foram as vezes que educadores citaram mulheres negras como fonte de resistência e empoderamento, ou mesmo nas aulas de literatura foram citadas autoras negras.

Sendo que durante minha trajetória estudei em escolas privadas e públicas, e formei-me após a promulgação da lei 10.639/03, perguntei-me durante muito tempo se faltava conhecimento ou interesse referente ao assunto. Logo após, ingressando em um curso de licenciatura, pensei que encontraria espaço para esta discussão, porém, poucos foram os docentes que citaram e valorizaram a cultura negra no cenário educacional e os referidos docentes, não poderei deixar de citar e agradecer aos Professores André Cechinel e Gladir Cabral, por reafirmarem a presença da literatura negra no curso de Letras desta universidade.

Havia um incômodo, uma falta em minha formação e uma lacuna em minha identidade enquanto mulher negra, pois ao mesmo tempo em que estava incluída em um espaço de educação superior, me sentia não representada e não pertencente aquele espaço. Aqui, para retratar o que experienciei, cito a filósofa

Djamila Ribeiro (2018) que relembra sua trajetória enquanto mulher negra nos espaços:

A sensação de não pertencimento era constante e me machucava, ainda que eu jamais comentasse a respeito. Até que um dia, num processo lento e doloroso, comecei a despertar para o entendimento. Compreendi que existia uma máscara calando não só minha voz, mas minha existência. (RIBEIRO, 2018, p.12).

Então, findando-se a graduação e com ainda mais interesse em pesquisar sobre as relações étnico-raciais e entender de fato a minha identidade e a história de luta e resistência dos meus antepassados, elaborei como trabalho de conclusão de curso uma pesquisa na qual analisei a narrativa autobiográfica e sua relação com a educação étnico-racial a partir do título *Doze Anos de Escravidão*, obra de Solomon Northup, homem negro nascido livre que fora escravizado.

O trabalho em questão objetivou explicitar como a autobiografia de um homem negro livre que acabou por ser escravizado poderia contribuir nos estudos sobre as relações étnico-raciais. Bem como, pensar em que sentido a literatura autobiográfica negra poderia auxiliar na discussão sobre as relações étnico-raciais, visto que estas literaturas contam nossas histórias, lutas e resistências.

Posteriormente, minha pesquisa foi publicada na Revista de Educação, Linguagem e Literatura - Revelli, da Universidade Estadual de Goiás - UEG, o que foi imprescindível para que eu criasse vínculo com a pesquisa. A partir de então, comecei a participar de eventos científicos, me integrei ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação, Formação Cultural e Sociedade, liderado pelo Professor Doutor Alex Sander da Silva e integrado por outros pesquisadores, os quais me ajudaram, e ainda ajudam, a me construir enquanto pesquisadora.

Sendo este o início de minha trajetória acadêmica e sabendo que muitas mulheres negras não possuem o mesmo acesso a educação que possuo, semeiei e ainda semeio conquistas individuais para que virem vitórias coletivas. Conjuntamente, analisei o mercado de trabalho no qual estou inserida, o da educação superior - atuo como Ouvidora da Universidade do Extremo Sul Catarinense - surgiu a inquietação de avançar mais e visando ingressar no mestrado, dediquei-me durante três anos para encorpar o meu currículo para que pudesse concorrer a bolsas no decorrer do curso.

Obtive como resultado desta dedicação, o terceiro lugar geral do processo seletivo para ingresso no Programa de Pós-graduação em Educação e o segundo lugar na linha de pesquisa Educação e Produção do Conhecimento nos Processos Pedagógicos. Posteriormente esta dedicação me possibilitou uma bolsa disponibilizada pelo Governo do Estado de Santa Catarina

por meio do Uniedu, sem a qual não conseguiria concluir os meus estudos.

Cabe aqui salientar que, conforme reflexão da autora bell hooks (1995), seguir o caminho da intelectualidade é uma decisão excepcional e difícil, é mais um chamado do que uma escolha, e eu trilho o início deste caminho com a convicção de que a pesquisa me permite “entender minha realidade e o mundo em volta, encarar e compreender o concreto” (hooks, 1995). A pesquisa é, para mim, uma forma de resistência, compreensão de mundo, é uma opção de vida que reafirma a minha própria identidade.

Ser uma mulher negra nos espaços de produção do conhecimento é, no mínimo, desafiador, pois são poucas, mas não raras, às vezes em que temos a oportunidade de encontrar nossos pares e compartilhar experiências umas com as outras, tornando mais leves as nossas trajetórias. Por ventura esses encontros não são raros e há no espaço acadêmico a relação de fortalecimento entre mulheres negras, na qual uma sobe e puxa a outra, uma derrama lágrimas e outra seca, uma abre caminhos e a outra tem passos a seguir. A vitória de uma de nós é uma grande conquista para todas nós.

Considerando então, minha trajetória pessoal como mulher negra, pesquisadora e atuante no ambiente educacional, bem como as experiências que me proporcionam olhares e reflexões sobre as existências e resistências da comunidade negra, decidi por falar a partir das mulheres negras, abordando a trajetória de uma autora negra dentro do espaço literário. Não se pode negar

que há um olhar colonizador sobre nossas produções e saberes, precisamos então partir de outra perspectiva (RIBEIRO, 2017). Sendo assim, neste trabalho, a literatura é vista como um dos espaços para a discussão sobre os grupos socialmente marginalizados e invisibilizados e ainda como uma forma importante de valorização da cultura.

Neste sentido, pretende-se abordar nesta pesquisa as histórias das mulheres negras que foram por muito tempo, e ainda são invisibilizadas, pois conforme cita a filósofa Djamila Ribeiro (2018):

É imprescindível que se leia autoras negras, respeitando suas produções de conhecimento e se permitindo pensar o mundo por outras lentes e geografias da razão. É um convite para um mundo no qual diferenças não signifiquem desigualdades. Um mundo onde existam outras possibilidades de existência que não sejam marcadas pela violência do silenciamento e da negação. Queremos coexistir, de modo a construir novas bases sociais. (RIBEIRO, 2018, p. 18).

Isto posto, justifica-se a relevância deste trabalho, pois pretende-se nele investigar e explicitar as razões sociais que fizeram, e ainda fazem, com que as escritoras negras tenham menor visibilidade no cânone literário brasileiro e no campo da pesquisa. Esta situação contrapõe-se com a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira, que por vezes é

apresentada aos discentes por meio de práticas e materiais literários que não aprofundam estas questões, e que acaba por não citar obras de autoria feminina negra, como Carolina Maria de Jesus, Elisa Lucinda, Conceição Evaristo, entre tantas outras.

Conforme cita Nilma Lino Gomes (2011):

A Lei e as diretrizes entram em confronto com as práticas e com o imaginário racial presentes na estrutura e no funcionamento da educação brasileira, tais como o mito da democracia racial, o racismo ambíguo, a ideologia do branqueamento e a naturalização das desigualdades raciais. (GOMES, 2011, p. 116).

Nesta perspectiva, podemos afirmar que o alinhamento entre as práticas formativas e as DCNERER (BRASIL, 2004) é importante para se compreender a sociedade brasileira e de modo mais específico, as relações étnico-raciais. Neste sentido, minha pesquisa baseia-se na junção de educação literária e educação étnico-racial visando a formação de uma sociedade antirracista.

Partindo destes pressupostos, escolhemos como recorte de pesquisa a literatura de autoria negra e feminina, analisando títulos da autora, romancista e pesquisadora Conceição Evaristo e seu conceito de Escrivivência, sendo este um impulsionador metodológico, que norteia esta pesquisa e faz com que eu me posicione enquanto mulher negra que narra a própria história, e que pauta a minha escrita enquanto pesquisadora.

Conceição Evaristo é uma escritora, poetisa e romancista negra brasileira que traz como características de suas obras a memória, a ancestralidade e a busca pela afirmação das identidades negras, em especial das mulheres negras. Há ainda em sua escrita literária uma profusão poética que faz com que mesmo as histórias mais complexas, que versam sobre violências, racismo e grandes perdas, transformem-se em histórias que traduzem a beleza da mulher negra e do seu protagonismo neste mundo. O início da sua trajetória enquanto autora se dá ao publicar na antologia *Cadernos Negros* em 1990, publicação realizada pelo grupo Quilombhoje, pertencente ao Movimento Social Negro.

A escolha pela escritora deu-se muito antes do meu ingresso no Programa de Pós-graduação em Educação, inicialmente a aproximação aconteceu por conta do sobrenome de uma de suas personagens, “Ponciá Vicêncio” do livro homônimo, cujas coincidências vão além do sobrenome. Posteriormente, conheci outros títulos, e em sua escrita potente, reconheci minha história e daquelas mulheres negras resilientes que vieram antes de mim. Pesquisar Conceição Evaristo e algumas de suas obras é reafirmar como ciência a história e trajetória de milhares de mulheres negras que me antecederam e das que virão posteriormente.

Desta maneira, afirma-se que a escrita de Conceição Evaristo é potente e carregada de questões inerentes à comunidade negra do nosso país, principalmente no que se refere

às questões vivenciadas pelas mulheres negras, como também articulando passado, presente e futuro dentro destas vivências.

Sobre a escrita de Conceição Evaristo e sua potencialidade, Isabella Rosado Nunes (2020) aponta que a autora:

Escreve o protagonismo das mulheres negras, colocando em questão as desigualdades e preconceitos raciais e de gênero. É ato de defesa de direitos, de formação. É acreditar que toda pessoa tem algo para compartilhar; e que, ao registrar ou publicar, promove sentidos, reconhecimentos e uma compreensão de vida livre e ampla, essencial para que se conheça e se respeite uma sociedade tão diversa. (NUNES, 2020, p. 14-15).

Considerando o exposto, para a presente pesquisa delimitou-se a seguinte questão-problema: qual o potencial formativo da literatura negra e feminina de Conceição Evaristo para a educação das relações étnico-raciais no contexto da Lei 10.639/03? Sendo o objetivo geral analisar o potencial formativo da literatura feminina e negra de Conceição Evaristo para o contexto educacional. Como objetivos específicos, traçou-se: a) contextualizar as discussões sobre educação antirracista e o acesso da mulher negra à educação; b) compreender os conceitos de literatura de mulheres negras e Escrivência a partir da escrita de Conceição Evaristo; c) analisar as potencialidades formativas

da literatura de Conceição Evaristo para a Educação das Relações Étnico-raciais.

Neste trabalho partiremos então, do que ditam a Lei 10.639/03 e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais (BRASIL, 2004), para isto, utiliza-se nesta pesquisa os termos que são reconhecidos dentro dos movimentos sociais negros, sendo assim, utilizaremos termos como “negro” e “negra”, “literatura de mulheres negras”, “étnico-racial”. A utilização destes termos parte do pressuposto que são a reafirmação e fonte da resistência da comunidade negra e como uma estratégia diante das perspectivas negativas atribuídos à nossa aparência ou a tudo que se referisse à nossa cultura no decorrer dos séculos. Conforme as DCNERER (BRASIL, 2004, p. 15), “ser negro no Brasil não se limita às características físicas. Trata-se também de uma escolha política”. Neste sentido, neste trabalho estes termos não são utilizados aleatoriamente, mas sim como termos políticos que reafirmam identidades.

Por se tratar de uma pesquisa na área educacional, optou-se por caracterizá-la como um estudo qualitativo de cunho bibliográfico com análise documental e de conteúdo, cujo foco consiste em deter-se em narrativas de mulheres negras nos títulos de Conceição Evaristo, sendo eles: *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011) e *Olhos d'água* (2014); visando compreender suas potencialidades quando consideradas as orientações das DCNERER (BRASIL, 2004).

Além disso, a pesquisa tem um cunho narrativo, visto que a cultura negra também é transmitida através das experiências do sujeito. A categoria central que norteará este trabalho é a traçada por Conceição Evaristo como Escrivivência, a fim de articular a escrita desta autora com pesquisas acadêmicas de intelectuais negros e negras e com a minha própria trajetória enquanto mulher negra no espaço acadêmico, reafirmando essas trajetórias como ciência e conhecimento. Para Conceição Evaristo (2020), o conceito de Escrivivência, de modo inicial, se materializa como o ato de escrita das mulheres negras, a qual utilizamos para nos posicionar em uma sociedade racista e machista.

Em suas palavras, a autora pontua sobre a escrita de mulheres negras:

E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. (EVARISTO, 2020, p. 30).

Partindo deste pressuposto, pretende-se nesta pesquisa reafirmar que mulheres negras não somente possuem voz, mas também escrita, fazendo assim um aprofundamento da questão do acesso das mulheres negras à educação e da educação antirracista, como também da formação e identidade cultural articuladas com o tema da educação, a fim de apresentar

subsídios teóricos para debates educacionais, levando em conta a invisibilidade estrutural das mulheres negras, reafirmando suas lutas, trajetórias e visões de mundo. Neste sentido, esta pesquisa marca a presença da minha trajetória pessoal enquanto mulher negra presente no espaço acadêmico, me tornando narradora e a escritora da minha própria realidade (KILOMBA, 2019).

A pesquisa buscará discutir as categorias básicas do tema, partindo do pressuposto de que a educação se configura a partir das determinações sociais vigentes. Deste modo, se configurará como um estudo bibliográfico, essencialmente, de leituras de obras, das autoras preferencialmente, e autores indicados nas referências e de textos selecionados de pesquisadores que se aproximam dos temas de estudo.

As obras serão estudadas e resenhadas na busca de evidenciar as categorias prévias de análise, como: literaturas de mulheres negras, educação étnico-racial, formação e identidade cultural, memória, história e visibilidade cultural negra. Há nesta pesquisa uma cosmovisão afrocentrada, transcendendo a normativa eurocêntrica, a fim de construir um projeto de descolonização epistemológica, pensando a importância epistêmica da identidade, refletindo experiências em lugares sociais distintos (RIBEIRO, 2017).

A investigação se configurará em três momentos centrais: o primeiro será a delimitação do estudo, a partir da seleção, análise, leitura e resenha dos textos. Trata-se, portanto, da revisão de literatura a fim de verificar aproximações e distanciamentos quanto

ao tema proposto. O segundo momento é confrontar esse levantamento com a produção acadêmica atualizada. E o terceiro se configura na análise destes resultados, a fim de constatar sobre a formação da identidade feminina negra no contexto de formação.

A manifestação da história e da cultura negra, vista a partir de algumas destas literaturas, se configura, como um espaço privilegiado para conhecer e compreender a formação cultural da comunidade negra no país, Estado e região. Cabe ressaltar que mesmo que tratemos obras de literatura elas se constituem também “como um documento histórico, cuja memória narrativa tem seu lugar. E quando se trata da história e memórias negras, percebe-se uma ausência ou escassez de registro dessas memórias” (CHAGAS; SILVA, 2018, p. 5). Sendo assim, faz-se necessário que a educação brasileira, tal como a própria sociedade, reconheça e redimensione suas atitudes perante as opressões experienciadas pela comunidade negra e passe a afirmar suas memórias.

Ao partirmos deste pressuposto, tomou-se como referencial de análise algumas categorias fundamentais, tais como: identidade cultural, mais especificamente a construção e formação das identidades negras, utilizando para isto os autores Kabenguele Munanga (1996, 1999, 2000) e Stuart Hall (1999); literaturas de mulheres negras e Escrivências a partir das obras de Conceição Evaristo (1996, 2011, 2014, 2020), interseccionalidade na obra de Carla Akotirene (2019), lugar de fala segundo Djamila Ribeiro (2017, 2018), educação na

perspectiva étnico-racial a partir de Petronilha Gonçalves e Silva (2002, 2010, 2011) e Nilma Lino Gomes (2002, 2010, 2011, 2017). A escolha destes autores deu-se a fim de confirmar a relevância das epistemologias negras, refutando por completo o epistemicídio a que fomos submetidos no decorrer dos séculos.

Para mostrar a relevância desta pesquisa, realizou-se levantamento dos antecedentes em bancos de dados de artigos, teses e dissertações da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e da Scientific Electronic Library Online - *SciELO* referentes aos últimos cinco anos. Utilizou-se os descritores “Literatura afro-feminina”, “Identidade negra”, “Negritude” e “Diretrizes para a Educação das Relações Étnico-raciais”. Apesar de ter sido realizada uma pesquisa referente aos últimos cinco anos, percebe-se uma recorrência maior de trabalhos nos últimos três anos. Visto que são descritores que não apontam para temas recentes, pode-se compreender que há uma visibilidade acadêmica maior dos temas relacionados à comunidade negra, fato este que se deve ao intenso trabalho de pesquisadores negros e negras no combate ao epistemicídio.

Ao todo foram encontrados 63 trabalhos na base de dados *SciELO*, dos quais 5 artigos se relacionam com a presente pesquisa. Já na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) foram encontrados um total de 732 trabalhos, dos quais 28 teses e dissertações se aproximam desta pesquisa. Dentre os trabalhos pesquisados nas bases de dados, mesmo sem uma pesquisa que utilizasse a autora Conceição

Evaristo e seu conceito de Escrivivência como descritores, verificou-se a existência de trabalhos publicados que os citavam ou os tinham como objeto de estudo, o que veio a corroborar com a importância e relevância acadêmica da autora que aqui pesquisaremos.

Dentre as pesquisas acadêmicas que se aproximam das temáticas negritude, relações étnico-raciais, identidade negra e literatura negra aqui propostas, destaco as seguintes: “Se eu não sou negra, eu sou o quê?” Da importância de discutirmos discriminação racial, interseccionalidade e empoderamento em sala de aula”¹, o trabalho visou problematizar as classificações identitárias, questionando o impacto da Lei 10.639/03 e das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais (BRASIL, 2004) no ambiente escolar, para isto, usou como referencial teórico escritos da autora negra Ângela Davis para subsidiar o uso dos conceitos de interseccionalidade e empoderamento no âmbito das relações étnico-raciais na escola; outro estudo a ser destacado é intitulado de “Mulheres Negras, Produção e Interseccionalidade”², cujo o propósito foi

¹ MARTINS, Ícaro Amorim. Se eu não sou negra, eu sou o quê? da importância de discutirmos discriminação racial, interseccionalidade e empoderamento em sala de aula. 2018. 112f. Dissertação - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018. <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/26350>

² SILVA, Roberta Ribeiro da. Mulheres negras, produção e interseccionalidade. 2019. 153 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, Pontifícia

investigar, por meio do mapeamento da produção intelectual das mulheres negras, como o sistema colonial promove o silenciamento destas mulheres na academia, para atender o objetivo utilizou-se as epistemologias feministas e os estudos decoloniais; a pesquisa “Ensino e identidades: um estudo sobre as mulheres negras na escola”³ teve como ponto central a elaboração de uma sequência didática com sobre a temática das mulheres negras, visando a formação humana e o combate ao preconceito praticado contra a população negra em específico as mulheres negras; o trabalho intitulado “Leitura e formação do leitor: a recepção da Literatura Afro-brasileira no Ensino Fundamental”⁴ visa analisar e discutir acerca da formação do leitor literário, com foco na inserção da literatura afro-brasileira e a representatividade da comunidade negra no espaço escolar, para isto utilizou-se as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais (BRASIL, 2004) como referencial teórico; “A literatura negro-brasileira como propiciadora de uma educação para as relações étnico-raciais: Uma fenda no

Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.
<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/22236>

³JACOB, Hemanuelle Lara S. Ensino e identidades: um estudo sobre as mulheres negras na escola. 2017. 106 f. Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.
<http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/8035>

⁴SEABRA, Adrina de Oliveira Chagas. Leitura e formação do leitor: a recepção da Literatura Afro-brasileira no Ensino Fundamental. 2015. 130f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras - PROFLETRAS) - Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2015.

cânone”⁵ teve como objetivo propor o ensino da literatura negro-brasileira como forma de afirmação das identidades étnico-raciais, para isto norteou-se na Lei 10.639/03; por fim, a pesquisa “Das margens, escritos negros: relações entre literatura periférica e identidade negra”⁶ visa estudar as manifestações da literatura periférica em suas intersecções com a temática racial, verificando as relações que poderiam ser estabelecidas entre identidade negra e as articulações desse movimento, a pesquisa contou como referencial os estudos de Ângela Davis.

Acrescido a estes, houve como resultado trabalhos que apontaram para os escritos de Conceição Evaristo e seu conceito de Escrevivência que são os a seguir relacionados: “Narrar e narrar-se, criar e criar-se: a Escrevivência de Conceição Evaristo como emancipação do corpo negro”⁷, que pontuou sobre o ato de narrar nos títulos de Conceição Evaristo, articulando memória, ancestralidade e o conceito de Escrevivência cunhado pela

⁵ SANTOS, Adeilma Machado dos. A literatura negro-brasileira como propiciadora de uma educação para as relações étnico-raciais: uma fenda no cânone. 2017. 112 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação Profissional em Formação de Professores - PPGFP) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande. <http://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/tede/2817>

⁶ SANTOS, Elisabete Figueroa dos. Das margens, escritos negros: relações entre literatura periférica e identidade negra. 2015, 247f. Tese - Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015. <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/8577>

⁷ MELO, Henrique Furtado de. Narrar e narrar-se, criar e criar-se: a escrevivência de Conceição Evaristo como emancipação do corpo negro. 2016. 110f. Dissertação - Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016. <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000208727>

escritora, visando compreender esse processo emancipatório; o trabalho “Olhos d’água de Conceição Evaristo: A voz da mulher negra na corda bamba da tradução”⁸ tem por objetivo central uma análise dos contos do título *Olhos d’água* de Conceição Evaristo, com foco nas mulheres negras descritas pela autora, para atingir este objetivo utilizou-se como referencial o conceito de Escrivivência.

A leitura dos trabalhos que se aproximavam do que aqui proponho me possibilitou criar novas visões das nossas histórias e da construção de nossas subjetividades, (re)conhecer minha história e a de meus antepassados, rompendo com a história única e negativa que nos foi contada com o passar dos séculos. Há uma potência na voz e na escrita de homens e mulheres negras, o que fora comprovado nessas leituras (RIBEIRO, 2018).

Desse modo, visa-se pensar a narratividade feminina e negra considerando sua capacidade de sistematizar experiências cumulativas do sujeito, o que permitiria uma compreensão da realidade cultural desse grupo, cujas histórias não são contadas, a partir de seu próprio lugar de fala. Parte-se então destes pressupostos, analisando nesta dissertação a trajetória da autora Conceição Evaristo, visto que suas obras oportunizam aos

⁸SARAMIN, Alessandra. Olhos d’água de Conceição Evaristo: A voz da mulher negra na corda bamba da tradução. 2019. 151f. Dissertação - Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.

leitores, negros e não negros, uma relação com uma literatura disruptiva e que expõe os encadeamentos de dominação racial.

Considerando o que fora exposto, delimitou-se a presente pesquisa em três capítulos, sendo que no primeiro capítulo apresentaremos aspectos da vida da autora escolhida para tratarmos nesta pesquisa: Conceição Evaristo, sua trajetória pessoal e como esta se manifestou em seus títulos, bem como o conceito proposto pela autora no que se refere à escrita das mulheres negras e a importância da visibilidade e protagonismo dados a esta comunidade dentro de seus títulos.

No segundo capítulo trataremos dos seguintes temas: acesso da mulher negra à educação, luta antirracista e educação. Pretende-se aqui, dar destaque à questão étnico-racial na perspectiva da formação das mulheres negras, particularmente. Bem como sobre as relações de formação da identidade feminina negra no contexto educacional trazendo reflexões acerca da negritude, identidade e da (in)visibilidade das mulheres negras no cenário educacional.

Por fim, no terceiro e último capítulo desta pesquisa, pretende-se explicitar sobre a literatura afro-brasileira e as Diretrizes para Educação para as Relações Étnico-Raciais, entrecruzando-as com a literatura de mulheres negras de Conceição Evaristo, de modo a apresentar a análise dos títulos *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011) e *Olhos d'água* (2014) que foram escolhidos e resenhados.

2 PERCURSO BIOGRÁFICO DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Neste capítulo, apresenta-se a trajetória de Conceição Evaristo, desde a infância e juventude, seu contato com a oralidade, sua vivência familiar e na comunidade periférica de Belo Horizonte, o modo como se deu o contato inicial com a leitura, escrita e literatura, sua vinculação com o Movimento Negro quando já adulta e morando no Rio de Janeiro, onde trilhou sua caminhada enquanto docente, pesquisadora e posteriormente como escritora.

A fim de atender os objetivos desta pesquisa, faz-se necessário a demarcação da identidade da autora, visto que além da ancestralidade, da sua relação com a afetividade familiar, com a irmandade entre mulheres, são também as marcas de discriminação, o preconceito velado e as diversas barreiras impostas às mulheres negras que formam Conceição Evaristo enquanto pessoa e como autora, sendo estes alguns dos importantes pontos abordados em suas obras.

O objetivo aqui é comprovar a potência das experiências individuais e resultado destas nas experiências coletivas, bem como na escrita de mulheres negras, com foco em Conceição Evaristo, reafirmando como ciência as vivências de mulheres negras como protagonistas das próprias histórias visto que este tipo de literatura é fonte para discussão de temas como ancestralidade, religiosidade e protagonismo, entre outras temáticas que estão envoltos no cotidiano destas mulheres.

A pesquisadora Ana Rita Santiago da Silva (2010) aponta que a literatura de mulheres negras:

[...] se constitui de temas femininos/feministas negros comprometidos com estratégias políticas emancipatórias e de alteridades, circunscrevendo narrações de negritudes femininas/feministas por elementos e segmentos de memórias ancestrais, de tradições e culturas africano-brasileiras, do passado histórico e de experiências vividas, positiva e negativamente, como mulheres negras. Por esse projeto literário, figuram discursos estéticos inovadores e diferenciadores em que vozes literárias negras e femininas, destituídas de submissão, assenhoram-se da escrita para forjar uma estética textual em que se (re)inventam a si e a outros. (SILVA, 2010, p. 24).

Acrescido a isto, pode-se afirmar que a vivência da própria autora e sua aproximação com a ancestralidade e cultura negra nos faz compreender de fato como se dá a literatura de mulheres negras e o próprio conceito de Escrevivência. Neste sentido, há a necessidade de demarcarmos as suas experiências de vida e a forma como contribuíram para a afirmação de sua identidade.

Para Evaristo (2020):

Nossa escrevivência traz a experiência, a vivência de nossa condição de pessoa brasileira de origem africana, uma nacionalidade hifenizada, na qual me

coloco e me pronuncio para afirmar a minha origem de povos africanos e celebrar a minha ancestralidade. (EVARISTO, 2020, p. 30).

Concentro-me então, neste capítulo, nas experiências vividas, nas relações familiares, nos espaços de representação de ideias, nas formas de aquisição de conhecimento e como estes pontos foram importantes na construção da identidade de Conceição Evaristo e posteriormente apareceram em sua trajetória como autora e pesquisadora.

2.1 ORIGEM DE CONCEIÇÃO EVARISTO

A mineira Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em 29 de novembro de 1946, sendo a segunda filha mulher de uma família de nove irmãos. Nascida em uma periferia de Belo Horizonte, mais precisamente na favela conhecida como "Pindura Saia", atualmente a região é nominada como Vila Santa Isabel na avenida Afonso Pena. Filha de Joana Josefina Evaristo Vitorino, que tinha como profissão ser lavadeira de roupas, Conceição auxiliava desde muito cedo na lavagem e entrega destas roupas para as patroas da mãe.

Aos sete anos de idade mudou-se para a casa de uma tia sem filhos, para que tivesse melhores condições de vida e principalmente de estudo. Seu primeiro emprego foi aos oito anos de idade como empregada doméstica, além disso trabalhava na

casa de professores em troca de aulas particulares e livros para ela e seus irmãos. O prazer pelos estudos a impulsionou desde sua infância a contribuir com a aprendizagem de seus irmãos e amigos da comunidade periférica em que vivia, desde então o sonho da docência era plantado em seu íntimo.

Conceição Evaristo conciliou então, a dura rotina de trabalho de empregada doméstica e babá com os estudos, até concluir o curso normal aos vinte e cinco anos, quando se mudou para o Rio de Janeiro, onde iniciou sua carreira docente. O gosto pela escrita iniciou ainda quando acompanhava a mãe em seu cotidiano, com as listas de roupas das patroas e todo o ensinamento transmitido de forma ancestral.

Nas palavras de Conceição Evaristo (2020):

Talvez o primeiro sinal gráfico que me foi apresentado como escrita, tenha vindo de um gesto antigo de minha mãe. Ancestral, quem sabe? Pois de quem ela teria herdado aquele ensinamento, a não ser dos seus, os mais antigos ainda? (EVARISTO, 2020, p. 49).

O primeiro sinal gráfico de que trata Conceição, fora uma representação do sol, feita com gravetos em terra úmida, representação esta que muito significava para as lavadeiras, pois era assim que pediam aos céus para que o tempo chuvoso cessasse e que houvesse sol para a secagem das roupas das clientes. Essa espécie de ensinamento ou legado transmitido de

geração em geração significava o trabalho árduo e a resistência das mulheres negras da família de Conceição, mas também a valorização da ancestralidade.

A escrita e leitura, a partir destes primeiros ensinamentos familiares, teriam um papel fundamental na construção da identidade e na trajetória de Conceição, pois era por meio dessa dualidade que a menina fugia de sua dura realidade. Nas atividades escolares produzidas a pedido das professoras, Evaristo inventava uma realidade a qual uma menina negra dificilmente estaria inserida ou poderia experimentar. Essa dificuldade vivida desde a infância e o fato de não se sentir pertencente àquele lugar, deram espaço à criatividade, ao lúdico e à imaginação.

Confirmando essa máxima, a autora descreve:

Ainda no curso primário, as professoras pediam redações – naquela época, em Minas Gerais, dizíamos composições. Tínhamos de escrever composições com os seguintes títulos: “Um passeio na fazenda de meu tio”, “Minha festa de aniversário”, “Meu presente de Natal”. As solicitações para essas escritas fugiam à minha experiência, mas eu inventava. Ficcionizava somente a partir do desejo, inventava para escapar daquilo que me era interdito. (EVARISTO, 2020, p. 33).

Acrescido ao fato de ficcionalizar para poder sentir-se pertencente ao ambiente educacional, a autora aponta ainda a

importância da mãe e das demais mulheres negras da família e da comunidade em sua formação educativa e em sua trajetória pessoal. Isto posto, pode-se apontar que a família de Conceição Evaristo foi a primeira instituição onde a autora se desenvolveu enquanto sujeito e construiu sua identidade individual, desenvolvendo vínculos e aprimorando conhecimentos e habilidades para além da educação formal.

Neste sentido, reforça-se aqui a importância da construção familiar da autora, o ambiente fundamentalmente matriarcal que possuía grande vínculo com a leitura e escrita e o compromisso, mesmo que não explícito, com a geração de conhecimentos novos e a reafirmação dos conhecimentos ancestrais. Nas palavras de Conceição, as mulheres do seu convívio tiveram fundamental importância para o seu desenvolvimento, pois:

Foram elas que guiaram os meus dedos no exercício de copiar meu nome, as letras do alfabeto, as sílabas, os números, difíceis deveres de escola, para crianças oriundas de famílias semianalfabetas. Foram essas mãos também que, folheando comigo revistas velhas, jornais e poucos livros que nos chegavam recolhidos dos lixos ou recebidos das casas dos ricos, aguçaram a minha curiosidade para a leitura e para a escrita. daquelas mãos lavadeiras recebi também cadernos feitos de papéis de embrulho de pão, ou ainda outras folhas soltas, que, pacientemente

costuradas, evidenciavam a nossa pobreza. (EVARISTO, 2020, p.51).

Há nessa relação familiar e principalmente na irmandade entre as mulheres de sua família uma forte conexão, que fica explícita em sua trajetória pessoal e posteriormente em suas obras. É essa conexão entre mulheres negras, percebida e vivida pela autora desde a infância, que a faz discorrer sobre as experiências dessas mulheres, excedendo os limites dos textos ficcionais, principiando um novo modo de percepção do mundo, um novo modo de afirmar-se a si e as outras, mesclando escrita, vivência e visões de mundo.

Talvez essas mulheres (como eu) tenham percebido que se o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção da vida. Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua auto inscrição no interior do mundo. (EVARISTO, 2020, p. 35).

Sua paixão pela literatura teve início com a oralidade na contação de histórias feitas por sua mãe e demais familiares como também nas diversas histórias contadas entre as mulheres da vizinhança enquanto Conceição fingia dormir, histórias estas em que estas mulheres sempre tinham papel de protagonistas. Esse vínculo com o mundo literário se consolidou quando uma de suas

tias iniciou como funcionária da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, localizada em Belo Horizonte, o que proporcionou a ela um fácil acesso a grandes títulos.

Essas vivências e a formação enquanto sujeito de Conceição Evaristo foi, desde sempre e em muitos detalhes, marcada pela presença de mulheres negras protagonistas de suas histórias e que “mesmo não estando totalmente livres de uma dominação machista, raramente se permitiam fragilizar” (EVARISTO, 2020, p. 52).

A autora então, já com forte relação com a literatura, e com formação em curso normal, que atualmente confere o grau de magistério, opta por uma mudança em sua trajetória e rompendo com a subalternização, decide migrar em busca de mais oportunidades de trabalho e estudo. Posteriormente à sua chegada ao Rio de Janeiro, iniciou a carreira docente na rede pública municipal no ano de 1973, ingressou na graduação no curso de Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro e obteve os títulos de Mestre em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense.

Lecionou ainda como professora visitante nos cursos de Pós-graduação Lato Sensu e cursos de extensão em disciplinas voltadas para a Literatura, História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nas instituições Universidade Federal do Paraná, Universidade do Estado da Bahia, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de

Janeiro e Universidade Federal Fluminense, tendo consolidada a carreira como docente e pesquisadora no âmbito da Literatura e das Relações Étnico-raciais, o que veio a fortalecer ainda mais a sua relação com as questões inerentes ao Movimento Social Negro.

Pode-se afirmar então, que as experiências como docente e pesquisadora das Relações Étnico-raciais, acrescido ao contato com o Movimento Negro foi um propulsor na trajetória de Conceição Evaristo, dando início à sua carreira como autora, visto que a partir desde contato possibilitou-se a divulgação de contos e textos de sua autoria entre a comunidade negra. Foi no encontro com seus pares que a autora se sentiu à vontade para expor seus escritos e surgiu o convite para publicação na antologia *Cadernos Negros*, publicada em 1990, antologia esta, organizada pelo grupo Quilombhoje, que tem como objetivo aprofundar-se nas experiências afro-brasileiras na literatura. O grupo difundiu-se por vários estados brasileiros, promovendo inclusão de autores negros nos meios de divulgação, bem como difundindo outro perfil de personagens negros dentro da literatura.

Essa relação com o Movimento Negro tem forte impacto na carreira da autora, pois a inspira e auxilia no processo de divulgação de seus textos entre a comunidade negra, questão que tem forte impacto no início da trajetória como escritora.

Nilma Lino Gomes (2017) vai ao encontro do exposto quando afirma que:

[...] movimento social que fez e faz a tradução intercultural das teorias e interpretações críticas realizadas sobre a temática racial no campo acadêmico para a população negra e pobre fora da universidade, que articula, com intelectuais comprometidos com a superação do racismo, encontros, palestras [...] e que inspira, produz e ajuda a circular as mais variadas publicações. (GOMES, 2017, p. 17).

Neste sentido, reforça-se a importância do Movimento Negro em sua trajetória, como também da coletividade como fonte propulsora de emancipação. A autora então, passa a compartilhar experiências e construir conhecimentos com intelectuais negros e negras, o que reforça a ideia de que a identidade é construída coletivamente, ao longo do tempo e nas relações sociais que fazemos. Conforme Hall (1999, p. 12), um sujeito é composto não de uma única, mas de várias identidades. Foi nas relações sociais, nas experiências partilhadas e nas várias identidades, que Conceição Evaristo se constitui enquanto sujeito e enquanto autora.

Essa vivência da autora ficaria explícita em seus títulos escritos anos depois, nos quais as mulheres negras protagonizam e deixam suas trajetórias reafirmadas nos diversos espaços que ocupam na sociedade. Conceição reafirma não só a vivência das mulheres negras, como também sua própria existência em sua escrita, fazendo de seus títulos “um lugar de autoafirmação de

minhas particularidades, de minhas especificidades como sujeito-mulher-negra". (EVARISTO, 2020, p. 53).

A partir de sua vivência a autora traça em seus títulos um espaço de reafirmação das identidades, da história e da cultura do povo negro, principalmente das mulheres negras e tem o papel de ressignificar e fortalecer as identidades destas mulheres. Sendo assim, ela pontua um conceito para designar essa escrita e visão de mundo, o que denomina em sua dissertação de mestrado de *Escrevivência*. Para Evaristo (2020), *Escrevivência* é mais do que o ato da escrita de si, é uma escrita coletiva:

A *Escrevivência* extrapola os campos de uma escrita que gira em torno de um sujeito individualizado. Creio mesmo que o lugar nascedouro da *Escrevivência* já demande outra leitura. *Escrevivência* surge de uma prática literária cuja autoria é negra, feminina e pobre. Em que o agente, o sujeito da ação, assume o seu fazer, o seu pensamento, a sua reflexão, não somente como um exercício isolado, mas atravessado por grupos, por uma coletividade. (EVARISTO, 2020, p. 38).

Isto posto, conclui-se que sua escrita é uma escrita de dentro para fora, da vivência de outra que poderia ser da própria autora ou até mesmo minha ou de qualquer outra mulher negra que em algum momento de sua vivência já conheceu o lugar da subalternidade. A escrita da trajetória de mulheres negras, que historicamente transitamos por espaços socioculturais distintos

dos lugares ocupados pelos não negros, adquire um sentido de não aceitação dessa subalternidade que nos fora imposta. “A nossa Escrivência não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa-grande”, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos”. (EVARISTO, 2020, p. 54).

A autora, por meio de sua escrita, afirma não só a existência de uma literatura afro-brasileira, mas também de uma literatura feminina e negra. A escrita de Conceição Evaristo é carregada de trajetórias e histórias de mulheres negras na sociedade brasileira, bem como da condição a que fomos, e ainda somos, impostas e as lutas e resistências diante de uma sociedade machista e racista. É esta visão das personagens que faz com que elas representem a história da autora, como também de suas ancestrais e de inúmeras mulheres negras brasileiras.

Pode-se afirmar que todas essas experiências aqui expostas, bem como outras vividas por Conceição Evaristo foram fundamentais para sua trajetória enquanto autora e ficaram explícitas nos seus títulos, sendo o primeiro a ser publicado nominado de *Becos da Memória*, escrito ainda no início dos anos de 1990, mas com publicação somente em 2006, já após a publicação de *Ponciá Vicêncio* em 2003. Posteriormente ao sucesso da publicação de *Ponciá Vicêncio*, que foi inclusive publicado em línguas estrangeiras, a autora lançou os títulos *Poemas da Recordação e Outros Movimentos* (2008), *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011), *Olhos d'água* (2014),

livro vencedor do Prêmio Jabuti em 2015, e *Histórias de leves enganos e parecenças* (2016).

Suas obras manifestam sobre a história e cultura negra, configurando-se então como um espaço de construção de conhecimentos e compreensão da formação cultural da comunidade negra em nossa sociedade estruturalmente excludente. Seus contos são uma espécie de reconstrução da nossa própria história, já que não nos vemos representados nos livros didáticos que contam a trajetória de nosso país, podemos nos espelhar na representação da cultura e história da comunidade negra dentro de seus títulos.

2.2 A ESCRIVÊNCIA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Cabe ressaltar nesta pesquisa, a confirmação de que existe sim uma escrita de mulheres negras, fato que contribui para que nos últimos anos autoras negras como Conceição Evaristo ganhassem maior visibilidade, pois a escrita dessas mulheres negras tem por objetivo a desmistificação do estereótipo que nos foi imposto no decorrer dos anos. Essa escrita busca o resgate das identidades de mulheres negras e do que isso representa na sociedade brasileira. Isto posto, observa-se que escritoras como Conceição Evaristo pontuam em sua literatura esse resgate da verdadeira posição das mulheres negras na sociedade e para além disso, denunciam e deixam em evidência a memória e a ancestralidade da comunidade negra.

Neste sentido, a trajetória pessoal e como autora de Conceição Evaristo nos mostra a importância da ancestralidade e da tradição oral das comunidades negras. Foi por meio das histórias ouvidas por Conceição que o dom da escrita se desenvolveu e com ele o anseio de contar as histórias que nunca foram ouvidas. A autora nos mostra que, a escrita é uma das formas de, além estar atenta às demandas das muitas mulheres negras silenciadas, fazer de suas vozes também a sua. Assim, a autora expõe em seus textos literários o conceito de Escrivivência.

O conceito trabalhado por Conceição Evaristo nos remete aos tempos em que nossas vozes serviam para contar, cantar e ninar os futuros senhores da casa-grande. Nos leva as nossas ancestrais que deixavam seus filhos e netos para cumprirem suas missões de contadoras de histórias aos filhos dos senhores. Portanto, a autora nos impulsiona a ampliar o termo, nos levando à escrita das mulheres negras, reestruturando a imagem da mulher que conta histórias para a casa-grande para a mulher que conta e escreve suas próprias histórias.

Nestes termos, a escrita de mulheres negras é carregada de potências, ancestralidade, resistências, vivência e experiências. Todas estas questões se apresentam na própria escrita de Evaristo, como veremos na análise, mas o que se pode inicialmente ressaltar é a afirmação de ser. Nós, mulheres negras, somos histórias, somos trajetórias e somos escrita. Rompemos com a imagem que nos impuseram no decorrer dos séculos,

rompemos com os silenciamentos e estamos aqui, nos posicionando e assumindo nossos lugares.

Essa escrita de Conceição Evaristo, que transmite ao mesmo tempo individualidade e coletividade, foi pontuada pelo pesquisador e teórico literário Eduardo de Assis Duarte (2006):

Esse sujeito de enunciação, ao mesmo tempo individual e coletivo, caracteriza não apenas os escritos de Conceição Evaristo, mas da grande maioria dos autores afro-brasileiros, voltados para a construção de uma imagem do povo negro infensa aos estereótipos e empenhada em não deixar esquecer o passado de sofrimentos, mas, igualmente, de resistência à opressão. (DUARTE, 2006, p. 306).

Sendo assim, a escrita de Conceição e seu conceito de Escrivência nos remetem ao ato de termos resistido até aqui e de assumirmos nossas posições, de deixarmos de ter nossos corpos, vozes e histórias controlados e subjugados, refutando a imagem da Mãe-Preta amamentando e embalando o berço do pequeno senhor. Conforme pontua a autora, a Escrivência é a escrita que “não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos” (EVARISTO, 2020, p. 30). Nestes termos, a Escrivência é, portanto, a ação de escrita das mulheres negras visando romper com os processos históricos a que fomos submetidas.

Conceição Evaristo (2020) aponta que a Escrivivência é:

Uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. (EVARISTO, 2020, p. 30).

A fim de corroborar com o que fora exposto, escolhemos os títulos *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011) e *Olhos d'água* (2014) para posterior análise, visto que são trabalhos de grande relevância, publicados na última década. Como se pode observar, há similaridade já na apresentação dos contos, pois remetem às trajetórias de sofrimento vividos pelas mulheres negras. Porém, os contos perpassam o sofrimento e vão além, retratam a resiliência e a ressignificação das tragédias em fortalecimento das identidades.

Nos títulos há singularidade também na escrita, que ocorre em grande parte, inicialmente em terceira pessoa do singular, e que posteriormente se transforma em uma escrita em primeira pessoa, tornando a própria personagem em protagonista e narradora da própria história. Já em outros contos, a própria

Conceição se faz presente enquanto narra as histórias. O exposto cria uma relação de pertencimento e não pertencimento da narradora Conceição com todas as histórias. Ela enquanto autora, não pertence a nenhuma história e ao mesmo tempo pertence a todas.

Portanto, para Conceição as histórias não são outras, elas se transformam em sua própria história e trajetória, assim a autora se faz presente e de narradora passa a estar inclusa na escrita. Em seus contos, traça uma articulação entre a escrita e a oralidade por meio das histórias que ouviu e transformou em arte. Assume a trajetória como sendo de seu pertencimento, mas dando visibilidade à verdadeira proprietária da história, outra mulher negra.

Em suas palavras, Evaristo (2016) afirma:

Estas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con)fundem com as minhas. [...] ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência. (EVARISTO, 2016, p. 7).

Acrescido a este pertencimento para além da narrativa, a autora pontua sobre a construção das identidades das personagens, o que é de extrema importância para compreender a singularidade de suas obras. As personagens citadas nos contos analisados possuem uma humanidade, uma sensibilidade, que já

é perceptível desde o título dos livros *Olhos d'água* e *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, que nos remetem aos olhos, parte do nosso corpo que mais demonstra nossa força e fragilidades, por onde conseguimos passar aos outros os nossos anseios, medos e potências. O que para nós representa a janela d'alma, para Conceição representa a força e humanidade de suas personagens que transpassam umas às outras por meio do olhar.

No conto que abre o livro *Olhos d'água* (EVARISTO, 2016, p. 19), a autora pontua que os olhos de uma se tornam o espelho para os olhos da outra, como se nessa relação transpassasse toda a força e sensibilidade presentes na mulher negra. Acrescido a isto, Conceição Evaristo (2020) afirma que a humanidade é inerente a construção de cada sujeito, por isto está presente em seus escritos, caminhando junto às trajetórias de suas personagens.

Construo personagens humanas ali, onde outros discursos literários negam, julgam, culpabilizam ou penalizam. Busco a humanidade do sujeito que pode estar com a arma na mão. Construo personagens que são humanas, pois creio que a humanidade é de pertença de cada sujeito. A potência e a impotência habitam a vida de cada pessoa. Os dramas existenciais nos perseguem e caminham com as personagens que crio. (EVARISTO, 2020, p. 31).

Além desta sensibilidade na construção identitária das mulheres negras presentes em suas obras, a escrita de Conceição dá nome a estas mulheres que foram silenciadas ao longo do tempo, reafirmando suas existências e tornando-as protagonistas das próprias histórias. Em sua maioria, os contos escritos carregam consigo o nome e a história de uma mulher negra, sua resiliência, sua forma de estar e ser no mundo.

Ademais, os contos descrevem com destreza o contexto histórico e social em que vivem, as dificuldades que enfrentaram no decorrer de suas trajetórias, seus silenciamentos, dramas, mazelas e violências sofridas e dificuldades de acesso a direitos fundamentais. Neste sentido, há uma sensibilidade na descrição das personagens que se parecem com nossas avós, tias, mães e até com nossas próprias trajetórias.

Acrescenta-se a isto, o fato de seus contos carregarem o oposto a esta sensibilidade na forma de resistência dessas mulheres, suas subjetividades, seus modos de reinvenção após momentos trágicos e a construção de identidades que se auto afirmam. Há, nos contos analisados, o rompimento das histórias de sofrimento e silenciamentos e no lugar a autora cede espaço à resiliência das mulheres negras, sua força e a irmandade entre essas mulheres.

Sendo assim, Evaristo pontua os processos identitários pelos quais passamos, sem deixar de lado as desigualdades históricas, mas dando uma maior visibilidade à condição e à luta

das mulheres negras para serem reconhecidas na sociedade brasileira.

O exposto vai ao encontro do que cita Matilde Ribeiro (2008):

As mulheres negras em seu processo político entenderam que não nasceram para perpetuar a imagem da “mãe preta”, [...] Entenderam que desigualdades são construídas historicamente, a partir de diferentes padrões de hierarquização constituídos pelas relações de gênero e raça, que, mediadas pela classe social, produzem profundas exclusões. São combinações de discriminações que geram exclusões, tendo como explicação a perpetuação do racismo e do machismo. (RIBEIRO, 2008, p. 988).

Nesta perspectiva, Conceição Evaristo não somente dá visibilidade às múltiplas histórias de mulheres negras, como rompe com os estereótipos que impuseram a nós no decorrer dos séculos no âmbito da sociedade brasileira. Deste modo, a vivência pessoal das mulheres retratadas pela autora resulta como uma das experiências coletivas da comunidade negra e têm uma fundamental importância para ressignificar as desigualdades constituídas, bem como reafirmar a luta, resiliência e resistência vivida por estas mulheres.

Os contos retratam, em sua maioria desde seus títulos, mulheres negras como protagonistas das próprias trajetórias,

explicitando seus processos de construção de identidades, fortalecimento de autonomias, suas capacidades de tomada de decisões a fim de garantir suas sobrevivências e de seus pares. Assim, estas mulheres, bem como a própria autora, definem-se a si mesmas, fazendo um movimento oposto ao processo de subordinação a que fomos impostas, reafirmando nossas identidades.

Neste sentido, Munanga (2012) pontua que a identidade individual é parte de um processo de construção do ser, o que significa sua existência. E é esta existência e o processo de construção do ser das mulheres negras que forma a nossa identidade coletiva. Há então, um processo de autoformação enquanto protagonistas das próprias vivências e histórias, o que colabora para formação enquanto identidade individual e coletiva.

É este processo de autoformação do sujeito, de autodenominação e de construção do ser que Conceição Evaristo conceitua como *Escrevivência*. Assim, quando mulheres negras criam este movimento de definir a si próprias e rompem com o que foi historicamente imposto, há um deslocamento de toda uma estrutura racista e machista e no lugar de objetos de pesquisa nos colocamos na posição de produtoras de conhecimento, criando uma perspectiva que posiciona as mulheres negras no centro e não mais na invisibilidade.

Nunes (2020) aponta que as narrativas construídas por Conceição Evaristo atingem uma complexidade que perpassa o espaço literário e compreende também o cenário político e

histórico. Isto posto, pode-se afirmar que há uma perspectiva demarcada por gênero e raça, bem como classe, religiosidade entre outros lugares sociais experienciados pelas mulheres negras por meio dos quais estas mulheres consolidam suas identidades.

Ainda sobre a Escrivivência, Isabela Rosado Nunes (2020) afirma que:

É ato de defesa de direitos, de formação. É acreditar que toda pessoa tem algo para compartilhar; e que, ao registrar ou publicar, promove sentidos, reconhecimentos e uma compreensão de vida livre e ampla, essencial para que se conheça e se respeite uma sociedade tão diversa. (NUNES, 2020, p. 15).

Conforme o exposto, afirma-se que a escrita de Conceição Evaristo é fundamentalmente baseada nas experiências da coletividade negra. A autora rompe então com a já conhecida escrita sobre a comunidade negra e nos apresenta uma escrita feita pela comunidade negra, levando em conta nossas especificidades, cultura e experiências individuais e coletivas. Este ato de rompimento acaba por extrapolar a dimensão da ficção e acaba por gerar a representatividade da comunidade negra.

Como é possível inferir, as experiências das mulheres negras apresentadas nos contos de Conceição Evaristo fortalecem a construção da identidade coletiva e um novo olhar, uma nova visão de mundo sobre as nossas trajetórias,

demonstrando que não estamos à margem da sociedade, mas estamos lutando e defendendo nossos direitos, posicionamentos e assumindo a escrita de nossas histórias, as nossas escrevivências.

3 EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA E O ACESSO DA MULHER NEGRA À EDUCAÇÃO: QUEM A EDUCAÇÃO ESTÁ FORMANDO?

Neste capítulo, após termos analisado a potência das experiências individuais e coletivas na trajetória de Conceição Evaristo, tal como o conceito descrito pela autora, pretendo abordar a importância de uma educação que valorize a diversidade étnico-racial, e que para além de dar visibilidade também se configure como uma educação que se materializa em sanar as desigualdades. Sabe-se que a educação é muito além do processo que ocorre nos espaços formais, é um processo constante e que ocorre também no âmbito familiar e social; porém, neste primeiro momento trataremos da educação enquanto processo formativo, processo de aquisição do conhecimento que acontece dentro de um espaço de formação.

Desse modo, a reflexão que ensejo trazer aqui busca evidenciar alguns aspectos da importância das questões étnico-raciais e sua relação com uma educação transformadora de realidades, que pode ser a fonte propulsora para potencializar a história da comunidade negra, bem como seus fundamentos teóricos. Visamos então, buscar compreender a trajetória da comunidade negra, mais especificamente das mulheres negras, no cenário educacional brasileiro.

É fato que, apesar de hoje contarmos com políticas de ações afirmativas, vivemos em uma sociedade excessivamente

discriminatória e excludente, isto é, com sintomas de um racismo que historicamente minimizou e vem minimizando a formação cultural negra e sendo o racismo no Brasil um caso dicotômico para se analisar, pois se afirma por meio da sua própria negação, ele é negado de forma veemente, mas se mantém presente no sistema de valores que rege o comportamento e as relações interpessoais da sociedade brasileira.

Assim, em um primeiro momento, tratarei da questão da identidade da comunidade negra no ambiente educacional e as consequências da falta de representação neste espaço para a população negra. Em seguida, abordamos as questões étnico-raciais na perspectiva da resistência e nas lutas cotidianas da comunidade negra para o combate ao racismo, como a promulgação da Lei 10.639/03 e, por fim, trataremos sobre inserção da mulher negra na educação, sempre pontuando a discussão sobre o papel antirracista da educação.

3.1 A EDUCAÇÃO E A NEGRITUDE

Não é difícil depreender que muitos negros e negras têm dificuldades em se afirmar, muitos negam a própria identidade, a sua origem, e passam a assumir características que não são suas. A negação acontece como uma das formas de defesa frente ao preconceito existente, na qual afirmar-se como homem negro ou mulher negra resultaria em assumir as dificuldades enfrentadas pela população afrodescendente em nosso país, como as

associações de falta de cultura e educação e a inferiorização social e econômica.

Assim sendo, confirma-se que é necessária a luta por reconhecimento, valorização e afirmação da identidade e da formação cultural negra, sendo que vêm se fortalecendo, sobretudo, a partir da promulgação da Lei 10.639/2003, que sintetiza as propostas e lutas do movimento negro pela inclusão e debate da história africana e afro-brasileira nos currículos escolares. A atuação do movimento negro foi de suma importância para o debate e implementação da lei, pois o movimento mostrou a especificidades e necessidades da comunidade negra, abriu espaço para adoção de medidas também específicas de enfrentamento do racismo estrutural.

Conforme as palavras de Nilma Lino Gomes (2017), podemos afirmar que:

Foi e tem sido esse mesmo movimento social o protagonista para que as ações afirmativas se transformassem em questão social, política, acadêmica e jurídica em nossa sociedade, compreendidas como políticas de correção de desigualdades raciais desenvolvidas pelo Estado brasileiro. (GOMES, 2017, p. 18).

Isto posto, é inegável que a participação do movimento negro, enquanto organização do povo afro-brasileiro, foi e ainda é, extremamente importante no combate ao racismo dentro dos mais

diversos espaços, incluindo o espaço educacional. Por intermédio da luta e resistência do movimento negro obtivemos, como uma das maiores conquistas, a promulgação da alteração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB - Lei 9.393/96), que inclui a Lei 10.639/03, tornando obrigatório o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas públicas e particulares do país. Esta lei surge como base norteadora ao combate do racismo já enraizado na sociedade e na educação brasileira, visando assim uma educação antirracista. Para compreendermos do que se trata uma educação antirracista, faz-se necessário que compreendamos o que se entende por racismo.

Nas palavras do professor e pesquisador Silvio Almeida (2018):

Racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça⁹ como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes e inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios, a depender do grupo racial a que pertencem. (ALMEIDA, 2018, p. 25).

Ainda segundo Almeida (2018), o racismo é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade. Portanto, podemos dizer que o racismo não se reproduz por ele mesmo, é necessária uma estrutura para sua manutenção, assim

⁹ Aqui o autor entende raça como característica biológica e como característica étnico-cultural – elementos estes que são complementares.

o racismo se materializa em desigualdade. Ele se configura por meio da política, da economia, da educação e resulta em uma subalternização do negro no cenário econômico e em uma educação que continua a reproduzir as desigualdades em seu cotidiano.

É neste ponto que a relação da educação com o racismo, enquanto processo estrutural, se estreita, visto que a escola é instituição formadora e espaço de acolhimento de todas as diversidades, porém ela também é terra fértil para manutenção do processo de estruturação do racismo, caso neste espaço não sejam discutidas as questões étnico-raciais. A escola deve ser diversa e plural, valorizar os estudos que são deixados à margem, como saberes menos válidos, mas em geral é o espaço no qual a criança tem seu primeiro contato com experiências racistas.

A educação é o processo de construção plural do sujeito e sendo inclusive nos espaços educacionais que vivenciamos o racismo, levanta-se o seguinte questionamento: Qual o sujeito a educação está formando? Neste sentido, a educação tem papel fundamental no processo da luta antirracista, já que essa se configura no compromisso com a transformação da realidade, a educação antirracista deve buscar metodologias e estratégias que coloquem também a cultura negra como protagonista.

Sobre a pluralidade no espaço educacional segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (2002):

A temática da pluralidade cultural diz respeito ao conhecimento e a valorização das características étnicas e culturais dos diferentes grupos sociais que convivem no território nacional, as desigualdades sócio- econômicas e a crítica às relações sociais discriminatórias e excludentes que permeiam a sociedade brasileira, [...]. (BRASIL, 2002, p. 121).

Com base nisto, a luta antirracista e o reconhecimento afirmativo das identidades da comunidade negra no espaço educacional tomam consistência quando se atenta aos fatores citados. Desse modo, a busca desta afirmação da identidade negra nos diversos espaços configura-se como uma espécie de estratégia político-cultural. Assim, é preciso compreender que a construção das identidades negras nos ambientes de educação - particularmente, na educação básica - se dá de modo plural e há a necessidade de estar atento às contradições existentes em relação ao próprio racismo e o modo como ele se configura e perpetua.

Em 2004, um ano após a promulgação da Lei 10.639, estabeleceu-se as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana, homologada em 10 de maio, conforme Parecer 03/2204 do Conselho Pleno do Conselho Nacional de Educação, o que açulou a educação brasileira, as escolas e os professores a implementar nos currículos uma nova visão sobre o que até então fora ensinado sobre a África no

contexto da humanidade e o papel dos afrodescendentes no Brasil, não mais estigmatizados e nem postos à margem da história oficial.

Conforme cita Gonçalves e Silva (2011), as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana apontam que o processo educacional das relações de diferentes grupos étnico-raciais inicia-se com mudanças no modo de se dirigirem umas às outras, a fim de que se rompa com sentimentos de inferioridade e superioridade, excluindo-se as posições hierárquicas que baseiam as desigualdades raciais e sociais.

As DCNERER (BRASIL, 2004), não estão mobilizando os profissionais da educação somente na discussão étnico-racial, mas vão além, apresentam aspectos mais profundos do ponto de vista da formação docente e das subjetividades dos professores que são instigados a pensar uma perspectiva não mais tradicional de práticas de ensino e sim a partir das mais diversas culturas, onde se encontram questões referentes às identidades. Conforme questiona Munanga (2015, p. 20), seria possível ensinar história do Brasil sem ensinar a história de todos os grupos étnico-raciais?

Diante desse questionamento e de toda a luta do movimento negro, devemos considerar a importância das Diretrizes, pois a:

Implementação de políticas que visem ao respeito e ao reconhecimento das diferenças, para a construção de uma cultura de paz [...] sendo o

reconhecimento das identidades uma questão de justiça social e de direitos coletivos e um dos aspectos das políticas de ações afirmativas. (MUNANGA, 2015, p. 20).

Seguindo esta linha de pensamento, a escola é o local ideal para o debate das relações raciais e de acordo com Gonçalves e Silva (2010, p. 41) “se propõe escola onde cada um se sinta acolhido e integrante, onde as contribuições de todos os povos para a humanidade estejam presentes, não como lista [...], mas como motivos e meios que conduzam ao conhecimento”. Sendo assim, a escola é onde podemos discutir inúmeros pontos importantes da sociedade e da identidade negra.

Partindo deste pressuposto, é incontestável que caso prevaleça uma educação eurocêntrica, que supõe a supremacia de um grupo étnico em detrimento de outros, elimina-se qualquer possibilidade de reconhecimento da diversidade cultural no ambiente formativo.

Siqueira (2001), ao falar sobre os pressupostos de uma educação para a diversidade cultural, entende que:

Há uma dificuldade face ao desafio do entendimento do conhecimento tanto no nível intelectual quanto emocional. Há razões profundas que estão interiorizadas no profundo de nós mesmos, quando se trata de pensar em teoria, conhecimento, ciência, saber, raciocínio, lógica, intelecto. Essas categorias estão sempre

associadas ao mundo ocidental, ao conhecimento europeu, às origens do mundo que foi estruturado sob a influência de um sistema social hegemônico, que nega a legitimidade de outras formas de pensar. (SIQUEIRA, 2001, p. 5).

Na visão da autora, para que haja um aprofundamento desse debate, é preciso considerar questões relativas à origem do ser humano, à origem da civilização e à história da civilização europeia sem detrimento de outras experiências e narrativas socioculturais. Ainda na concepção de Siqueira, seria fundamental o respeito à riqueza das diferenças e da consciência de sua historicidade no mundo.

Desse modo, é extremamente necessário propiciar ao aluno o contato e o conhecimento de títulos que trazem essa forte ligação histórica e social com a cultura e a identidade negra é assumir, ao mesmo tempo, uma postura antirracista e de confronto às diferentes formas de exclusão social comuns em nossa sociedade, rompendo com a visão eurocêntrica que até os dias atuais têm dominado os espaços formativos.

Por outro lado, negar esse movimento significa, do mesmo modo, concordar e ajudar a perpetuar esse sistema excludente, algo que o discurso escolar precisa sempre se esforçar para combater. É necessário que as práticas pedagógicas rompam com discurso hegemônico e tencionem a promoção da igualdade étnico-racial e promovam o fortalecimento da autoestima de

alunos negros e negras que, muitas vezes, aprendem no ambiente educacional sobre exclusão, discriminação e violência. O currículo escolar deve, necessariamente, estar comprometido com o respeito ao indivíduo e suas relações coletivas, isto posto, abre-se aqui um espaço para o debate sobre o espaço da mulher negra na educação.

3.2 A MULHER NEGRA NA EDUCAÇÃO: SEU ACESSO E SEU ESPAÇO

Considerando que a educação deve englobar a individualidade e as relações sociais, pretende-se nesta seção apresentar elementos sobre a participação da mulher negra no cenário educacional, desde seu acesso aos espaços de educação formal, como as lutas e desafios das mulheres negras dentro deste contexto. Cabe aqui salientar que é necessário demarcar o lugar da mulher negra neste cenário, pois “desde muito tempo, as mulheres negras vêm lutando para serem sujeitos políticos” (RIBEIRO, 2017).

Entende-se então que esta pesquisa é um espaço propício para ampliar a discussão sobre o acesso e a construção de identidades das mulheres negras no contexto da educação, visando conferir visibilidade, não sendo este um debate novo. Cabe também ressaltar que, o posicionamento da mulher negra no contexto histórico em nada teve relação de passividade e sim de muita luta e resistência.

É inegável que, apesar das recentes políticas de ações afirmativas, um dos grandes desafios da educação é propiciar espaço à pluralidade e combater as relações de subalternidade existentes. O processo educacional está diretamente relacionado à condição social na qual seus indivíduos se desenvolvem, o que historicamente condicionou a mulher negra a ser excluída do espaço de educação formal. Neste sentido, Veiga (2007, p. 71) aponta que “a educação das mulheres variava de acordo com sua condição étnico-social – que, por sua vez, condicionava o modo como eram educadas e os locais onde essa educação ocorria”. Logo, conclui-se que a somatória de opressões foi determinante para a dificuldade de acesso e espaço das mulheres negras na educação ao longo dos anos.

Mulheres negras sofrem com as desigualdades econômicas, falta de oportunidades no mercado de trabalho e quando as têm, lhe são possibilitadas vagas de menor prestígio dentro das organizações e/ou de menores salários, também foram negadas oportunidades de afirmação e, sobretudo de estudos. As diversas formas de subalternização advêm do passado, porém, deveriam ter sido sanadas com o passar do tempo, principalmente no cenário educacional, mas a falta de efetividade das políticas públicas faz com que o preconceito continue a ser reproduzido, causando prejuízos tanto sociais, como econômicos às mulheres negras.

Sobre as políticas públicas para equidade das mulheres negras, Djamila Ribeiro (2017) cita que:

Quando, muitas vezes, é apresentada a importância de se pensar políticas públicas para mulheres, comumente ouvimos que as políticas devem ser para todos. Mas quem são esses 'todos' ou quantos cabem nesses 'todos'? Se mulheres, sobretudo negras, estão num lugar de maior vulnerabilidade social justamente porque essa sociedade produz essas desigualdades, se não se olhar atentamente para elas, se impossibilita o avanço de modo mais profundo. (RIBEIRO, 2017, p.41).

Pontando, pontuamos que as relações sociais influem significativamente no acesso e na permanência de mulheres negras no espaço escolar, por isto a importância de uma implementação efetiva do ensino de história e cultura afro-brasileira nos currículos. Cabe afirmar que o processo educacional se materializa na intencionalidade e, na educação formal, esta é mediada pelo currículo.

Nesse contexto, deve-se considerar que o currículo proposto deve dar conta da valorização das identidades, memória e cultura negras, atentando os diversos sujeitos da comunidade escolar. Esta ação afirmativa do processo educacional vai ao encontro da própria construção das identidades das mulheres negras, visto que antes sempre à margem, agora passam a ser vistas como sujeitos, incluindo em nossas personalidades a participação e voz ainda mais ativas.

Aqui a educação é pensada como espaço plural e tem como missão a quebra dos padrões colonizadores e patriarcais, passando a reconhecer as identidades, sendo esta uma questão de justiça social e um dos aspectos da política de ações afirmativas (MUNANGA, 2015). Neste sentido, as mulheres negras, diante de uma educação emancipatória, rompem os limites da construção de suas subjetividades e ampliam sua participação na construção da democracia, transgredindo os paradigmas da invisibilidade.

Sobre a condição das mulheres negras, Ribeiro (2017) aponta que:

[...] possuem uma situação em que as possibilidades são ainda menores [...] sendo assim, nada mais ético do que pensar em saídas emancipatórias para isso, lutar para que elas possam ter direito a voz e melhores condições. (RIBEIRO, 2017, p. 26)

A autora deixa claro que as possibilidades para as mulheres negras são menores, e isto se deve ao fato de sermos atingidas por, pelo menos, duas opressões - raça e gênero - nos diversos espaços que ocupamos, além da condição social. Estas opressões são inseparáveis e não há sobreposição de uma sobre a outra. Precisamos compreender que elas coexistem, como modeladores de experiências e subjetividades (AKOTIRENE, 2019). É essa coexistência de opressões que nos molda como

sujeitos e nos tira possibilidades. Isto posto, é imprescindível uma educação que trate de identidades, de conhecimentos das mais diversas formas culturais e que ensine, a nós, mulheres negras, a nos posicionar diante das relações de poder.

A educação tem papel fundamental na construção de nossas identidades e visões de mundo. Há anos atrás a escola era proibida para mulheres e não havia escola para escravizados, sendo assim quando sobrepostas as opressões de raça e gênero, podemos afirmar que não havia condições mínimas para que as mulheres negras tivessem um olhar mais amplo para o mundo, bem como a educação com certeza não era uma das possibilidades.

Gonçalves e Silva (2011) afirma que a educação é fundamental na construção das identidades, pois:

[...] aprendemos a nos situar na sociedade, bem como ensinamos a outros e outras menos experientes, por meio de práticas sociais em que relações étnico-raciais, sociais e pedagógicas nos acolhem, rejeitam ou querem modificar. Deste modo construímos nossas identidades - nacional, étnico-racial, pessoal -, aprendemos e transmitimos visão de mundo que se expressa nos valores, posturas, atitudes que assumimos, nos princípios que defendemos e ações que empreendemos. (GONÇALVES E SILVA, 2011, p. 14).

Esta afirmação vai ao encontro do que pontua Gomes (1996, p. 68) quando cita que “a escola é um dos espaços que interfere e muito no complexo processo de construção das identidades”. Neste sentido, construção das identidades das mulheres negras perpassou a negação da cultura africana, a condição de escravidão - as quais serviam aos seus “senhores” muito além do que as mesmas gostariam -, o estigma de ser um instrumento de trabalho e a negação à educação, sendo necessário que nos dias de hoje, a escola seja um dos pontos de partida para a reconstrução de tudo que nos foi negado em questão de identidade.

Entende-se então, que a educação deve ser transformadora e emancipatória, visando formar, ainda mais, mulheres negras que rompam com os estereótipos a que fomos submetidas, conscientes do seu papel social, bem como assumam uma posição de protagonistas nos espaços que ocupamos, o que nos foi negado por vários séculos.

Ainda neste sentido, hooks (1995) afirma que, se a prática pedagógica não for emancipatória, os estudantes provavelmente irão competir pela valorização e pela voz ativa em sala de aula. É importante então que o processo pedagógico seja pensado para todos e todas, principalmente aqueles grupos historicamente marginalizados, porém não é suficiente que seja restrito a uma discussão sobre raça. Há de se fazer uma ampla discussão sobre suas identidades, história e cultura, questões importantes para o

processo de participação democrática e fortalecimento da visibilidade das diferentes manifestações culturais.

Outro ponto a ser destacado no que se refere à mulher negra no espaço de sala de aula é seu sentimento de não pertencimento. A autora Djamila Ribeiro (2018, p. 7), relata sua experiência diante desse não pertencer quando cita que “por mais que eu tirasse boas notas, fosse saudável e inteligente, uma sensação de inadequação sempre me perseguia”. Isto acontece devido à mulher negra ser colocada na sociedade como “Outro do Outro” (KILOMBA, 2019), em uma posição de inferioridade e não pertencimento, sendo estas identidades construídas na oposição ao homem e à branquitude resultando em inclusão e exclusão mútuas, sendo nossas presenças são sempre contestadas nos espaços que ocupamos.

Djamila Ribeiro (2018) também cita uma experiência escolar em que é possível perceber o modo de sermos excluídas, mesmo quando estamos incluídas nos espaços:

Eu preferia essa primeira escola por ser menor, o que fazia com que meus problemas também fossem. Quando fui estudar em outro lugar, minha capa de proteção precisou ficar mais grossa. Às vezes mentia sobre conhecer outras cidades e dizia que meu pai era advogado, e não um trabalhador braçal. Também falava que ele ia me buscar, mas que esperava na outra esquina com o carro porque não conseguia estacionar. Quando me viam no ponto de ônibus, eu

alegava que ele estava trabalhando. O fato de ser a única menina negra da sala por anos numa escola de pessoas de outra classe social me fez agir assim. (RIBEIRO, 2018, p. 10).

Percebe-se então que a autora revestiu-se de uma “capa de proteção” a fim de se adequar naquele espaço, representando um papel que não era seu, apontando ali a somatória opressões de raça e gênero. Mulheres negras são vítimas de comentários ofensivos sobre suas peles e cabelos, o que nos levou, por muito tempo a não aceitar as nossas próprias características, pois “a vontade de ser aceita nesse mundo de padrões eurocêntricos é tanta que você literalmente se machuca para não ser a neguinha do cabelo duro que ninguém quer” (RIBEIRO, 2018, p. 10).

Há aqui um silenciamento de cultura e identidades que foi imposto às mulheres negras, construído com o passar do tempo e tido como postura normal, sendo a presença destas mulheres, cada vez mais, submetida ao lugar de invisibilidade e no ambiente escolar, isto ocorre também quando nossos conhecimentos são postos à prova, nossos saberes são contestados e nossas experiências não são validadas.

[...] torna-se necessário o entendimento de que o silenciamento imposto ao povo negro, em especial às mulheres negras, constitui-se também pelo viés acadêmico, com o não reconhecimento da produção que não estivesse referendada pelo que

se consignou chamar ciência. (FREITAS, 2017, p. 24).

Essas violências são constantes e irrompem principalmente no cotidiano da escola, criando esse senso de não adequação ao ambiente educacional, o que pode ocasionar a evasão. Além disso, pontua-se o fato de sermos poucas, quando não únicas nos espaços que frequentamos, esta questão tenciona a necessidade de representação dos nossos pares.

Neste sentido, a autora Grada Kilomba (2019), narrando a história de mulheres negras, aponta que:

Se eu fosse a única estudante negra na sala, eu tinha, de certa forma, de representar o que aquilo significava. Representar que nós somos tão inteligentes, se não, até melhores que as outras e os outros (KILOMBA, 2019, p. 173).

Ainda segundo a autora, esse status de representação dos que ali não estão anuncia o racismo, visto que essa falta de representatividade se dá pela falta de acesso. Essa posição de unicidade nos acompanha nos mais diversos espaços, e em sala de aula nos faz ter a sensação de que estamos inseridos no lugar de exclusão e nos pressiona a ter a responsabilidade de representar e compensar perdas sofridas por outros membros da comunidade negra.

Esse peso da representação é mais uma das tantas violências que sofreremos no ambiente escolar, pois somos vistas como corpo, raça e história e presas nesta triplicidade necessitamos ser três vezes melhor do que qualquer pessoa branca para termos igualdade (KILOMBA, 2019), caindo por terra o que por muito tempo se acreditou, que com o fim da escravidão, a comunidade negra seria tratada com igualdade de condições.

Além disso, é importante frisar que, acrescido ao peso de representar os pares e da sua unicidade nos espaços, há uma solidão experienciada e enfrentada pelas mulheres negras nestas situações. Essa solidão não acontece tão somente nos relacionamentos afetivos, mas acomete também as relações dentro de sala de aula. É comum que tenhamos na escola nossas primeiras situações de exclusão de rodas de conversa, de grupos de trabalho, dos espaços de brincadeiras.

Esta invisibilidade e solidão acabam por ser postergada até a idade adulta, sendo transferida para as entrevistas de emprego e pela falta de representatividade nos veículos de massa. Nos espaços que ocupamos não nos vemos representadas, somos aquelas que obrigatoriamente necessitam representar um grupo e nossos pares, fato esse que nos isola, nos fragmenta e muitas vezes desumaniza.

Neste sentido, as experiências vivenciadas no ambiente escolar precisam fortalecer as identidades coletivas dos diversos grupos étnico-raciais e também as individualidades, para que as mulheres negras não fiquem mais vinculadas ao lugar do não

saber, ao não acesso ou à solidão. A construção identitária da mulher negra é composta pela exclusão na escola, no mercado de trabalho, da discriminação e preconceito nos mais diversos tipos de relacionamentos sociais. É neste contexto que se constroem as histórias de luta, resistência e a busca por um protagonismo feminino e negro.

A escritora bell hooks (1995) aponta sobre a importância de partilhar experiências dos diversos grupos étnico-raciais em sala de aula:

Como os professores e alunos que quiserem partilhar suas experiências pessoais em sala de aula podem fazê-lo sem promover pontos de vista essencialistas excludentes? Muitas vezes, quando os professores afirmam a importância da experiência, os alunos sentem menos necessidade de insistir em que ela é um modo privilegiado de conhecimento. (hooks, 1995, p. 119).

Remetendo-se a Henry Giroux (s/d), a autora tece que professores têm de respeitar as experiências dos alunos e abrir espaço para que eles falem sobre elas:

Não se pode negar que os alunos têm experiências e tampouco se pode negar que essas experiências são importantes para o processo de aprendizado, embora se possa dizer que elas são limitadas, não elaboradas, infrutíferas ou seja o que

for. Cada aluno tem suas lembranças, sua família, sua religião, seus sentimentos, sua língua e sua cultura, que lhe dão uma voz característica. Podemos encarar essa experiência criticamente e ir além dela. Mas não podemos negá-la. (GIROUX apud hooks, 1995, p. 119-120).

Deste modo, confirma-se a relevância de considerarmos as experiências de todos e todas em sala de aula, visando uma educação que não sobreponha culturas, saberes, concepções e visões de mundo, descentralizando as narrativas e fortalecendo a construção identitária dos sujeitos, integrando e reconhecendo as subjetividades e suas epistemologias. Devemos pensar o mundo a partir de outros pontos de vista, refutando a visão única e eurocentrada que nos foi imposta através dos anos. Neste sentido, a identidade das mulheres negras se constitui de modo mais amplo e plural, sem explorações e opressões, sem que necessitemos lutar por ser, estar e existir nos espaços.

A escola ainda desconsidera outras visões, saberes e conhecimentos, sendo estes importantes histórica e socialmente, e essenciais para a construção de uma sociedade igualitária no que diz respeito aos grupos marginalizados no decorrer da história. É necessário que tanto a escola enquanto instituição, professores e suas práticas considerem as diferentes epistemologias, discutindo lugares sociais e rompendo com uma visão única buscando por coexistência (RIBEIRO, 2018).

Portanto, a escola deve incorporar por completo as discussões que vêm sendo feitas sobre a construção de identidade a partir das diversidades étnico-raciais e considerar outras epistemologias, bem como promover mudanças em seus currículos e no seu próprio cotidiano, caso contrário a escola vai continuar a ser um espaço onde se fortalece uma visão de mundo eurocêntrica e a propagar preconceitos contra os que não se enquadram neste padrão e visão de mundo, formando sujeitos que, na prática, estão presentes, mas não se sentem incluídos, pertencentes e representados.

4 DIRETRIZES E ENTRECruzAMENTOS COM A LITERATURA DE MULHERES NEGRAS

Neste capítulo trataremos de realizar a análise dos títulos escolhidos escritos por Conceição Evaristo, cruzando-as com as orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana (BRASIL, 2004), a fim de mostrar alguns pontos relativos à formação das identidades negras, em especial de mulheres negras, bem como o contexto histórico nos quais estes títulos se desenvolveram e os elementos que permeiam os processos de identidade dos sujeitos negros e negras.

Ao analisarmos os elementos relativos à cultura e identidade da comunidade negra, devemos antes de tudo, percebê-los como sujeitos inseridos na história da sociedade brasileira. Neste sentido, temos de compreender esses sujeitos para além da história escravagista, levando em conta que estes grupos participaram e participam sócio-político-economicamente da história do nosso país e têm um desenvolvimento histórico e cultural próprios.

É importante destacar que foram as condições históricas que provocaram as autoras negras, das quais aqui nos atentamos em Conceição Evaristo, a trazer para o debate a condição e a luta destas mulheres para serem reconhecidas na sociedade brasileira, mostrando que a desigualdade enfrentada se acentua

mais quando tratamos das mulheres negras. Para isso, fez-se necessário não só o reconhecimento da condição histórica dessas mulheres, mas, respectivamente, buscar formas de mudanças estruturais e institucionais em nossa sociedade.

Assim, propõe-se aqui debater esses tópicos, trazendo à tona a necessidade de pensar a historicidade e a forma como a sociedade ainda mantém aspectos e estruturas que há muito já deveriam estar ressignificados e esta ressignificação se faz por meio das ações dos sujeitos envolvidos neste processo, sendo assim, cabe a todos e todas a participação ativa na construção de uma sociedade igualitária, em todos os âmbitos dela.

Tenta-se então, apresentar alguns apontamentos sobre a Literatura Afro-brasileira, bem como pontos que concernem a problemática étnico-racial nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais. Acrescido a isto, posteriormente, apresentamos pontos que tratam destas problemáticas situados nos títulos de Conceição Evaristo, no âmbito da história e trajetória da comunidade negra numa perspectiva da construção da identidade negra em nosso país, conforme estão representadas nos títulos analisados, visando compreender as potencialidades formativas da literatura de Conceição Evaristo para a Educação das Relações Étnico-raciais.

4.1 LITERATURA AFRO-BRASILEIRA COMO FONTE DE FORMAÇÃO

É notório que nos últimos séculos a comunidade negra precisou, e ainda precisa, resistir aos diversos processos de subjugação e inferiorização que estão arraigados em nossa sociedade. Como já pontuamos no decorrer desta pesquisa, o racismo se dá de forma estrutural e sistêmica, estando nos âmbitos político, educacional, econômico e inclusive no cenário literário brasileiro. Assim sendo, autoras e autores negros brasileiros têm experienciado, no decorrer de suas trajetórias, com o racismo no campo da produção e publicação literária, ficando este evidente através da invisibilidade a que muitos são impostos.

Partindo deste pressuposto, afirma-se que existe um afunilamento de possibilidades para escritores negros, principalmente no que se refere às autoras negras, dentro da Literatura Brasileira. Neste sentido, há a necessidade de demarcação de uma literatura negra brasileira, aqui chamada de Literatura Afro-Brasileira, visto que este é um dos espaços de reivindicação da participação ativa da comunidade negra.

Porém, como tudo que se refere à comunidade negra, pode-se afirmar que estes autores e autoras negros têm lutado e resistido, fazendo de suas produções literárias uma das formas de resistência ao racismo estrutural. O grande marco transformador dessa participação negra na literatura se deu através das primeiras publicações dos *Cadernos Negros*. Até então, afirma a professora e pesquisadora Miriam Alves (2010), que estes autores estavam subordinados à literatura brasileira, sem que esta os representassem.

Negros escrevendo textos poéticos ou ficcionais permaneciam incrustados no contexto da “Literatura Brasileira” e vivenciavam a invisibilidade étnica, à qual a população afro-brasileira estava fadada. (ALVES, 2010, p. 184).

Acrescido a isto, afirma-se que o que se entende por Literatura Nacional tem um papel fundamental no combate a este racismo estrutural, visto que perpetuou ao longo dos anos a inferiorização e subjugação de autores negros e negras no cenário literário brasileiro, bem como contribuiu para a subalternização de personagens descritos como pertencentes à comunidade negra.

Sobre isto, Luiz Silva Cuti (2010) afirma que os autores e autoras negros experienciaram o racismo no âmbito literário e se posicionaram contra ele:

A literatura, pois, precisa de forte antídoto contra o racismo nela entranhado. Os autores nacionais, principalmente os negros brasileiros, lançaram-se a esse empenho, não por ouvir dizer, mas por sentir, por terem experimentado a discriminação em seu aprendizado. Sob o manto do silêncio midiático, livros individuais, antologias de poemas, contos e ensaios e obras de referência vêm se somando para revelar um Brasil que se quer negro também no campo da produção literária, pois o país plural se manifesta no entrechoque das ideias e

nos intercâmbios de pontos de vista (CUTI, 2010, p. 13).

Conforme afirma o autor, o campo literário nacional precisa de vários pontos de vista, novos olhares, fazendo um movimento contrário ao que está posto até o momento, no qual privilegia determinados grupos sociais em detrimento de outros. Necessita-se então, de um posicionamento firme no que diz respeito aos autores e autoras negros, impulsionando-os a estarem cada vez mais inseridos no cânone literário brasileiro. Neste sentido, é necessário romper de vez com o fato de que os personagens e os temas relacionados à afro-brasilidade terem um papel menos significativo do que personagens e temáticas de outras culturas. Bem como, faz-se necessário o fortalecimento das características singulares que a literatura afro-brasileira possui.

O pesquisador Eduardo de Assis Duarte (2006) afirma que a Literatura Afro-brasileira possui dimensões específicas, como o vínculo com a ancestralidade, o que a difere da literatura dita como brasileira. Para o autor, a “presença do passado como referência para as demandas do presente confere à escrita dos afrodescendentes uma dimensão histórica e política específica, que a distingue da literatura brasileira”. (DUARTE, 2006, p. 306).

Esta dimensão da Literatura Afro-brasileira citada pelo autor possui, além de determinadas características que a diferenciam, como as temáticas próprias, também conta com autores e autoras dispostos a romper com as temáticas pejorativas e termos que

subalternizavam os personagens negros e negras e que diversas vezes eram colocados nas obras com visão sexualizada, caso ainda mais latente quando se trata de mulheres negras. Por isto, a inserção de autores e autoras negros e negras no cânone da literatura se torna tão importante, pois há o rompimento com a subalternização da comunidade negra, trazendo à tona suas reais características, como a força e a resistência.

Pode-se afirmar então, que a Literatura Afro-brasileira tem como fundamento a ressignificação dos estereótipos, fortalecendo as individualidades e coletividades comuns à comunidade negra em nossa sociedade, resgatando as histórias vividas por nós e nossos ancestrais de forma a retratar inclusive as marcas de sofrimento e violências, sem nos subjugar enquanto sujeitos.

Conforme já se pontuou nesta pesquisa, historicamente nosso país teve uma vinculação direta e ativa na perpetuação do racismo e discriminação sofridos pela comunidade negra. Nesta perspectiva, é necessária uma postura contrária a até então estabelecida, visando a correção de injustiças e desigualdades enfrentadas pelos negros e negras brasileiros, formando um conjunto de práticas transformadoras nas mais diversas áreas de forma transversal e democrática, incluindo uma educação formativa e antirracista.

É importante ressaltar que a presença de autoras negras na difusão de uma literatura “nossa”, sendo esta a literatura de mulheres negras, que como a de Conceição Evaristo que está sendo analisada, tem muito a contribuir com o fortalecimento de

identidades e de direitos, visto que aponta para o rompimento das imagens negativas impostas aos negros e negras deste país e da historicidade negada. O que vai ao encontro do que indicam as DCNERER (BRASIL, 2004, p. 19) como princípio de uma Educação para as Relações Étnico-raciais, contudo, este não é um processo simples, pois a desvalorização da comunidade negra acontece de formas multifacetadas:

É importante tomar conhecimento da complexidade que envolve o processo de construção da identidade negra em nosso país. Processo esse, marcado por uma sociedade, que para discriminar os negros, utiliza-se tanto da desvalorização da cultura de matriz africana como dos aspectos físicos herdados pelos descendentes de africanos (BRASIL, 2004, p. 15).

Isto nos indica que além de enfrentar um processo de invisibilização e discriminação pessoal, autoras da chamada literatura de mulheres negras também enfrentam a desvalorização cultural a que a comunidade negra e suas produções são submetidas, bem como dificuldades de fomento financeiro para publicação e divulgação. Estas questões, além de exigir o reconhecimento por parte da sociedade, precisam ser combatidas com políticas de reparação, com vistas à correção dessas desigualdades raciais e sociais, conforme apontam as DCNERER (BRASIL, 2004).

Neste sentido, ressalta-se que a literatura de mulheres negras está alinhada com essas políticas públicas de reparação e de reconhecimento da cultura e das identidades, visto que as DCNERER (BRASIL, 2004), consideram que estas políticas estejam fundamentadas em dimensões históricas e sociais conforme a realidade brasileira, em busca do combate ao racismo. Isto posto, as Diretrizes propõem:

A divulgação e produção de conhecimentos, a formação de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos orgulhosos de seu pertencimento étnico-racial [...] para interagirem na construção de uma nação de uma nação democrática, em que todos, igualmente, tenham seus direitos garantidos e sua identidade valorizada. (BRASIL, 2004, p. 10).

A escrita de Conceição Evaristo trata exatamente desta valorização e do direito dos negros e negras brasileiros se reconhecerem como parte integrante da cultura nacional. Ao mesmo tempo que trata de questões importantes referentes à subalternização e opressões vividas pelos negros e negras neste país, é carregada de uma ternura literária que nos põe em posição de protagonismo, reforça nossas visões de mundo e valoriza história, identidade e ancestralidade. Assim, confirma-se que a literatura de Conceição Evaristo se somente se aproxima, mas se apropria da temática das relações étnico-raciais, de modo a

produzir reflexões sobre a promoção da igualdade racial e sobre a luta e resistência da comunidade negra, como preconizam as DCNERER (BRASIL, 2004).

Ainda conforme as DCNERER (BRASIL, 2004), as ações educativas de combate ao racismo e a discriminação devem contar com princípios como:

Valorização da oralidade, da corporeidade e da arte, por exemplo, como a dança, marcas da cultura de raiz africana, ao lado da escrita e da leitura. [...] O cuidado para que se dê um sentido construtivo à participação dos diferentes grupos sociais, étnico-raciais na construção da nação brasileira, aos elos culturais e históricos entre diferentes grupos étnico-raciais [...]. (BRASIL, 2004, p. 20)

O exposto vai ao encontro de todo o conteúdo de Evaristo analisado nesta pesquisa, pois seus contos ressaltam as marcas culturais da comunidade negra, a apreciação da oralidade comum nas famílias afrodescendentes, além de nos posicionar na construção histórica deste país. A análise desse conteúdo nos possibilita afirmar que a literatura afro-brasileira, incluindo a literatura de mulheres negras possui fundamental importância na formação da comunidade negra brasileira, individual e coletivamente.

Neste sentido, confirma-se também a hipótese de que existem produções de autores e autoras negros comprometidos com a temática étnico-racial, com uma visão de mundo que aponta para a coletividade e a desconstrução de estereótipos relacionados à negritude, porém precisam ganhar destaque no cenário literário brasileiro, assim como Conceição Evaristo vem alcançando nos últimos anos. Ao ocuparmos os espaços a que nos foi negado acesso e nos apropriarmos do protagonismo, da produção de conhecimento e de posições não mais subalternizadas nestes espaços, acabamos por afirmar nossas identidades, ações, escritas e histórias.

4.2 A LITERATURA FEMININA E NEGRA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Para que possamos iniciar a seção, faz-se necessário remetemo-nos às Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais (BRASIL, 2004, p. 10), quando estas apontam que as políticas de ações afirmativas possuem como meta o direito ao reconhecimento dentro da cultura nacional, visando que a comunidade negra possa expressar suas visões de mundo e pensamento próprios. Cabe ainda, ressaltar que está entre as metas do Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana (BRASIL, 2009, p. 66), a inserção em bibliotecas e salas

de aula de materiais que abordem sobre a temática étnico-racial. Ademais, destaca-se nesta seção pontos-chave da produção intelectual de Conceição Evaristo que corroboram com o reconhecimento e valorização da história, cultura e identidade da comunidade negra conforme propõem os documentos oficiais.

Como já exposto anteriormente, a literatura afro-brasileira tem características singulares, que a diferenciam e marcam o vínculo de autores e autoras com as temáticas inerentes à negritude. Confirmando esta máxima, Duarte (2011) aponta que a Literatura Afro-brasileira se destaca:

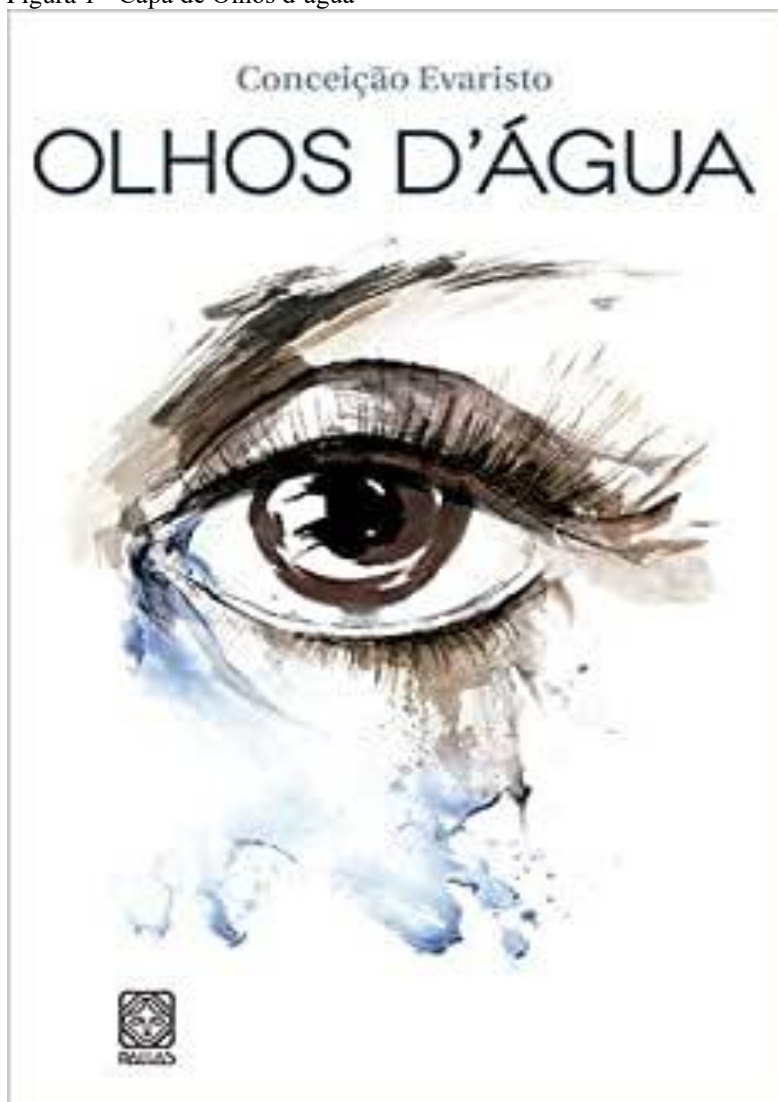
[...] pela voz autoral afrodescendente, explícita ou não ao discurso; temas afro-brasileiros; construções linguísticas com marcas de afro-brasilidade [...], com um ponto de vista ou lugar do enunciador. (DUARTE, 2011, p. 385).

Outrossim, denota-se que a literatura de Conceição Evaristo tem marcas claras que a fazem um grande destaque da literatura afro-brasileira e da literatura de mulheres negras, por utilizar alguns destes recursos apontados pelo pesquisador. A autora utiliza de recursos poéticos singulares, como a narrativa realista e rica em detalhes. Ainda nas palavras de Duarte (2006), a literatura de Conceição Evaristo se destaca dentro do âmbito da literatura afro-brasileira:

Pela forma poética com que representa a crueldade do cotidiano dos excluídos. A mescla de violência e sentimento, de realismo cru e ternura, revela o compromisso e a identificação da intelectual afrodescendente com os irmãos colocados à margem do desenvolvimento. (DUARTE, 2006, p. 306).

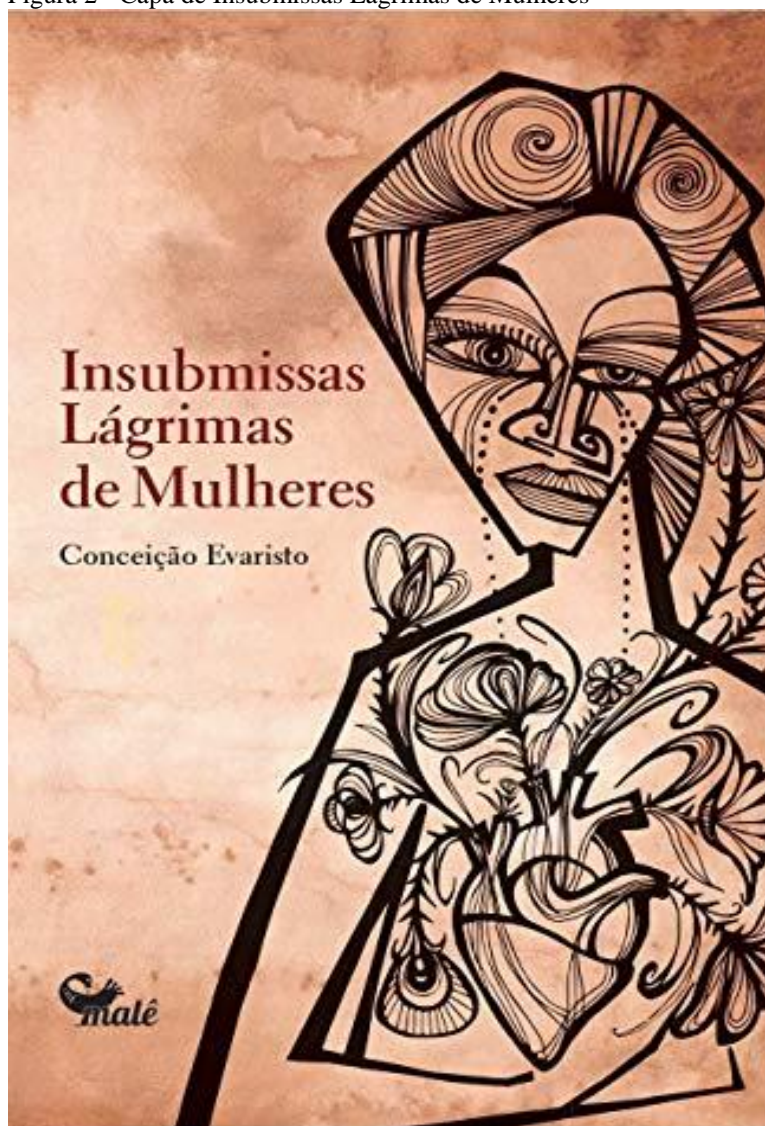
Nesta perspectiva, escolheu-se os títulos *Olhos d'água* e *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, sendo respectivamente publicados pelas editoras Pallas no ano de 2014 e Malê em 2011. Em *Olhos d'água*, a autora em um total de 114 páginas, faz uma compilação de quinze contos, em sua grande maioria intitulados com o nome de suas personagens principais, dentre os quais escolhemos como recorte para a análise desta pesquisa os seguintes: Olhos d'água e Maria. Já em *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* a autora apresenta uma seleção de treze contos distribuídos em 140 páginas, dos quais foram escolhidos: Natalina Soledad, Shirley Paixão, Adelha Santana Limoeiro e Maria do Rosário Imaculada dos Santos.

Figura 1 - Capa de Olhos d'água



Fonte: Site da Editora Pallas, 2021.

Figura 2 - Capa de Insubmissas Lágrimas de Mulheres



Fonte: Site da Editora Malê, 2021.

Em suma, o conto Olhos d'água que abre o livro homônimo, pontua sobre uma mulher de nome desconhecido, que em uma noite acorda atordoada questionando-se sobre a cor dos olhos de sua mãe, a quem há muitos anos não vê. Em alguns momentos, ela se questiona em tom acusativo, em outros relembra histórias da infância ao lado da mãe e das irmãs, da falta de alimento, de brinquedos e da vida sem a presença de alguma figura masculina. Por fim, a narradora questiona-se sobre a cor dos olhos de sua filha e ouve da filha o mesmo questionamento que fizera sobre sua mãe.

No conto Maria, a personagem é uma empregada doméstica que recebe da patroa, algumas sobras de uma festa, como ossos de pernil e frutas para levar para casa. A moça contente por ter o que dar aos filhos que estão doentes, faz o caminho cotidiano de casa, até que encontra o pai de seu filho mais velho. O homem está no ônibus do trajeto diário de Maria para fazer um assalto junto a um cúmplice, porém após o assalto os passageiros acreditam que Maria é parte do bando de assaltantes e é assassinada sem que pudesse chegar em casa e dar o que comer aos filhos.

Conceição Evaristo abre o conto Natalina Soledad situando-a como a mulher que havia criado o próprio nome, porém também afirmando que a história de Natalina era muito maior que uma autoidentificação. Nascida a única filha mulher em uma família de seis filhos homens, sofre com a misoginia da sua própria família. O pai, incrédulo de ter uma filha mulher após o nascimento de

vários homens, suspeita até de traição da esposa e nomeia a menina como Troçoléia Malvina Silveira. Conforme crescia a menina, maior era o desprezo sentido pela família em relação a ela, do mesmo modo o contrário acontecia. Por fim, a menina já adulta, efetiva o ato de se automear.

O conto Shirley Paixão narra a história desta mulher que cria suas cinco filhas e enteadas como se fossem uma sociedade de mulheres. Todas juntas, desfrutando da amizade e vínculo criado entre elas, até que uma delas - Seni - apresenta comportamento diferente, cada vez mais introspectivo e autocrítico. A mãe, que não a havia gerado em sua barriga, mas assim se percebia, nota por parte do pai pouco ou nenhum amor destinado à menina, e em certo momento até a olhava de modo estranho, até que sem desconfiar de que algo acontecia, ouve as filhas gritando após o pai ter entrado no quarto para violentar a menina Seni como fazia há muitos anos. Shirley Paixão então agride o homem com uma barra de ferro e salva suas filhas, mas passa muitos anos presa por tentativa de homicídio.

Adelha Santana Limoeiro é o nome do conto que trata da história da mulher que no meio da noite é chamada por um amigo às pressas para socorrer seu esposo que havia passado mal. Chegando à casa do amigo, este a direciona a outra casa, onde uma moça jovem lhe espera. O marido de Adelha havia passado mal na casa de outra mulher, tentando recuperar a pouca juventude que lhe restava, ela então decidiu ficar por ali até que ele melhorasse. Acreditava que em poucas horas ele estaria bem,

mas passaram-se dias e semanas, até que finda-se a história dele, mas não a de Adelha Santana.

Por fim, o último conto analisado é denominado de Maria do Rosário Imaculada dos Santos, a mulher que carrega no nome o peso da feminina santidade e que quando jovem foi tirada de casa junto ao irmão por um casal para andar de carro, algo incomum em sua comunidade. O menino fora abandonado alguns quilômetros à frente, mas a jovem somente conseguiria voltar para casa depois de muitos anos. O casal cria a menina desde muito pequena, até que se separam e decidem que nenhum dos dois ficaria com ela, a jovem então se muda para a casa de uma parente do casal, na qual ela vive sob regime de escravidão até conseguir regressar para a casa dos pais mais de trinta e cinco anos depois.

A escolha dos contos deu-se pelos temas que estes apresentam e pela poética explicitada pela autora, mesmo quando representado o doloroso cotidiano das mulheres negras, além do compromisso com as questões étnico-raciais e com o posicionamento da mulher negra enquanto protagonista de suas próprias histórias. Na literatura de Conceição fica claro o vínculo da autora com a representatividade negra e com o rompimento de padrões até então reafirmados na sociedade brasileira, conforme pontuou Duarte (2006).

Devido a esta falta de representação de mulheres negras enquanto protagonistas - e também de autoras - dentro da literatura nacional, escritoras como Conceição Evaristo tomaram a

frente e enfrentaram o afunilamento que tanto invisibilizou estas autoras, forçando um rompimento dos antigos padrões, contrapondo os textos que até então eram comumente publicados e determinados como cânones. Com uma literatura vinculada à militância e que coloca a mulher negra em posição de protagonismo, escritoras negras como Evaristo foram se destacando e fortalecendo a Literatura Afro-brasileira e de autoria feminina e negra.

Sobre esta literatura de mulheres negras que rompe padrões, Miriam Alves (2010) afirma que:

É de um lugar de alteridade que desponta a escrita da mulher negra. Uma voz que se assume. Interrogando, se interroga. Cobrando, se cobra. Indignada, se indigna. Inscrevendo-se para existir e dar significado à existência, e neste ato se opõe. A partir de sua posição de raça e classe, apropria-se de um veículo que pela história social de opressão não lhe seria próprio, e o faz por meio do seu olhar e fala desnudando os conflitos da sociedade brasileira. (ALVES, 2010, p. 185).

Neste sentido, a escrita das mulheres negras é carregada de subjetividades, de experiências que se divergem das experiências de mulheres de outras raças, de vozes que decidiram por assumir a sua e a história de outras. Essas vivências são transpassadas na escrita dessas mulheres negras que rompem

com o silenciamento em busca da demarcação destas vivências como ciência. Assim sendo, pode-se destacar como característica da literatura de autoria feminina e negra a pulsante presença da mulher negra, que sempre esteve à margem, enquanto protagonista.

Os títulos de Conceição ora analisados corroboram com esta afirmação, pois são compostos das trajetórias de mulheres negras repletas de subjetividades e identidades e cada um dos contos analisados demonstram essas trajetórias e vivências com riqueza de detalhes. Em sua maioria, os contos apresentados pela autora são compostos por mulheres negras de periferias, mães, tias, avós, que carregam uma grande irmandade entre si, que transpassaram situações de violência e miséria e tomam posse do protagonismo das próprias histórias, explicitando a trajetória da comunidade negra em nosso país.

Essas trajetórias, por vezes, se confundem com a própria história de Conceição, que deixa claro que sua escrita é sempre marcada pela condição de ser mulher e negra. Como podemos analisar no conto homônimo do livro *Olhos d'água*, a personagem-narradora é uma mulher negra que não se recorda a cor dos olhos de sua mãe, de quem se distanciou há muitos anos em busca de uma vida melhor. O conto é único na escrita de Conceição, pois em nenhum momento há disposta a informação do nome da personagem-narradora, acrescido a isto, há uma similaridade na trajetória da autora e no que descreve a narradora, o que não nos deixa saber se trata-se da história da própria autora:

Havia anos que eu estava fora de minha cidade natal. Saía de minha casa em busca de melhor condição de vida para mim e minha família: ela e minhas irmãs tinham ficado para trás. Mas eu nunca esquecera a minha mãe. Reconhecia a importância dela na minha vida, não só a dela, mas a de minhas tias e de todas as mulheres de minha família. E também, já naquela época, eu entoava cantos de louvor a todas as nossas ancestrais, que desde a África vinham arando a terra da vida com suas próprias mãos, palavras e sangue. (EVARISTO, 2016, p. 18).

Aqui, a própria trajetória de Conceição se funde à ficção, pois como já fora exposto anteriormente, a autora deixa sua família em busca de melhores condições de vida e trabalho no Rio de Janeiro, como também há o reconhecimento da importância das mulheres da família na passagem narrada, bem como em sua trajetória pessoal. Há tanta semelhança entre ficção e a realidade experienciada pela autora, que se pode descrever o conto como uma dedicatória à sua própria trajetória, na qual há uma intensa relação familiar, uma irmandade entre mulheres negras da comunidade em que estava inserida e a valorização da ancestralidade.

Destaca-se também a importância que dá a autora às famílias matriarcais, questão comum em famílias da comunidade negra, nas quais as mulheres são chefes de família e garantem o

sustento familiar. Fora assim na criação de Conceição Evaristo, como também em minha criação, pois em minha casa o sustento era garantido por minha mãe e minha avó paterna, sem que houvesse homem algum para partilhar com elas do cotidiano e do sustento da família. Essa situação, comum às famílias negras, é retratada por Evaristo como uma contemplação à potência das mulheres, ao feminino e à possibilidade de reflexões para além da literatura.

Pode-se depreender a questão das famílias matriarcais em vários contos dos títulos de Evaristo, visto que é um assunto que ganha a atenção da autora pela sua própria trajetória. Aqui destacamos trechos dos contos Shirley Paixão de Insubmissas Lágrimas de Mulheres e Maria de Olhos d'água, respectivamente, nos quais deixa claro as alegrias e dificuldades cotidianas que fazem parte das experiências de mulheres negras que são chefes de família:

As cinco meninas tinham idades entre cinco e nove anos. E, logo-logo, selaram irmandade entre elas. Pessoas desconhecidas, não sabedoras de nossa vida, nem imaginavam que o parentesco entre elas não tivesse o laço sanguíneo, pois fisicamente se assemelhavam. Ninguém dizia que elas eram filhas de mães e pais diferentes. Assim como as minhas meninas pareciam ter esquecido a fugaz presença de um pai, evadido no tempo e no espaço, que tinha ido embora sem nunca dar notícia [...] E assim seguia

a vida cumpliciada entre nós. Eu, feliz, assistindo às minhas cinco meninas crescendo. Uma confraria de mulheres. (EVARISTO, 2016, p. 27-28).

Em *Maria*, a autora cita a fatigante trajetória de uma mãe de três crianças que as cria sozinha, sem participação alguma paterna e que é assassinada posteriormente ao encontro do pai do filho mais velho, por pensarem ser cúmplice dele em um assalto ao ônibus que rotineiramente a conduzia até em casa.

No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso, a patroa ia jogar fora. Estava feliz, apesar do cansaço. A gorjeta chegara numa boa hora. Os dois filhos menores estavam muito gripados. Precisava comprar xarope e aquele remedinho de desentupir nariz. Daria para comprar também uma lata de Toddy (EVARISTO, 2018, p. 39).

Partindo desta percepção, a escrita de Conceição ganha um status de contemplação das experiências das mulheres negras, até mesmo as negativas, como uma forma de tradução dessas experiências, observando e narrando através da construção de sua escrita a experiência social da comunidade negra. A autora lança luz ao ser mulher negra na sociedade brasileira e expõe as

situações à que somos submetidas, sem nos desumanizar e tirar de nós toda a potência das nossas experiências.

Acrescido a este ponto, quando falamos de ser mulher negra e de suas experiências transcritas na literatura de Conceição, precisamos destacar os silenciamentos e invisibilidades sofridos pelas personagens. Contudo, estas questões apontadas pela autora, não passam isoladas, são acrescidas da resistência das mulheres negras. Esses silenciamentos, muitas vezes, acontecem em amplitude de possibilidades. Algumas vezes aparecem com algo exterior às mulheres negras, na vivência com seus pares, outras vezes a invisibilidade é imposta por elas mesmas, como uma forma de proteção. No conto Natalina Soledad, que retrata a história da mulher que havia criado seu próprio nome como forma de afirmação da própria identidade, Conceição narra:

Cultivar um sentimento de desprezo pelos pais, na mesma proporção em que eles não lhe ofereciam nenhum abraço de resguardo, se tornou, para a menina Silveira, um modo simultâneo de ataque e defesa. Ostensivamente, ignorava a presença dos dois, não só na intimidade familiar, mas fora dela também. Dentro de casa, muitas vezes tateava o espaço como se estivesse no escuro, ou melhor, no escuro estava, pois andava de olhos fechados quando percebia qualquer proximidade dos dois. Não suportava vê-los. Recusava sentar-se à mesa, alimentava-se no quarto ou na cozinha, e como uma sombra, quase invisível,

transitava em silêncio. (EVARISTO, 2016, p. 23).

Conforme a narrativa, Natalina Soledad começa sua vivência com outra identidade, única filha mulher, nascida após seis filhos homens, foi vítima do machismo instaurado na família, principalmente por parte do pai e que conseqüentemente resultou em um abandono por parte da mãe, o que fez com que fosse registrada como Troçoléia Malvina Silveira. Sendo o sobrenome apenas uma comprovação de que naquela família nascera, sem que de fato pertencesse a ela.

Ainda no trecho exposto, observa-se a somatória da invisibilidade e do silenciamento, tanto imposto pelos pais, quanto aceito pela personagem, visto que nenhum sentimento nutria pela família. A personagem, antes de ter sua identidade formada, já estava em um lugar de subjugação, de desumanização e de silenciamento. Como forma de desvincular-se destas questões que a inferiorizavam, a personagem resiste, desiste de parte da herança que lhe cabia após o falecimento dos pais e escolhe para si outro nome, criando uma nova identidade e se afirmando como sujeito. Assim, a personagem rompe com a invisibilidade e silenciamentos impostos durante toda a vida:

Rejeitou também a incorporação do sobrenome familiar – Silveira – ao seu novo nome. E, sonoramente, quando o escrivão lhe perguntou qual nome adotaria, se seria mesmo aquele que

aparecia escrito na petição de troca, ela respondeu feliz e com veemência na voz e no gesto: Natalina Soledad. O tabelião, não crendo, tentou argumentar que aquele nome destoava da denominação dos Silveiras e que era meio esquisito também. Por que Natalina Soledad? Por quê? Natalina Soledad - nome, o qual me chamo - repetiu a mulher que escolhera o próprio nome. (EVARISTO, 2016, p. 25).

Pode-se perceber estas mesmas questões, de silenciamento e invisibilidade da mulher negra, no conto Maria do Rosário Imaculada dos Santos, que retrata a história da personagem foi roubada de sua família por um casal que se apresentou como estrangeiros e levou a menina e seu irmão, com a justificativa de passear de carro, algo muito distante da realidade daquela comunidade. A personagem narra então a sua forma de lidar com as emoções.

Quando estava completando quase oito anos que eu tinha sido roubada, a moça que trabalhava para esse casal chegou, um dia, me dizendo que tinha uma notícia para mim. A imagem de minha família, ou melhor, o desejo de um encontro com os meus me tomou por inteira. Pensei que o milagre tivesse acontecido. Tendo, com o passar dos anos, aprendido a controlar as minhas emoções, fiz, contudo, silêncio. [...] Chorei para dentro, mais uma vez. (EVARISTO, 2016, p. 49-50).

Outro aspecto importante das narrativas da escritora que foram analisadas é a forte relação com a religiosidade, questão que ganha um lugar de destaque nos títulos de Conceição Evaristo e nas vivências das protagonistas que passaram por diversos momentos de infortúnio e reconstrução, usando da religião como um dos seus suportes. Para Azevedo (2014, p. 222), “a historiografia considera que a religião é o centro vital da vida africana, permeando todas as instâncias da vida social. Ela não está separada da vida, como um departamento descolado”.

Isto posto, observa-se que para Evaristo, a religiosidade, além de ter sido passada à autora como princípio, aparecendo em sua prática pessoal como força impulsora nos momentos de maior dificuldade, também ganha destaque em sua escrita, permeando a vivência de suas personagens. Nas mais variadas passagens de seus contos, constata-se a presença do apego à fé e ao espiritual, como se pode destacar no seguinte trecho do conto Adelha Santana Limoeiro, pertencente a *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*:

Decidi achá-la parecida com uma estampa, que eu tinha visto, várias vezes, ainda na minha infância: a de Santa Ana, a santa velha, a mãe de Nossa Senhora, avó de Jesus. E como as ilustrações de santos e santas, na grande maioria, são brancas, para confirmar os meus achados de parença, resolvi crer que Adelha Santana Limoeiro pareceria com Santana

[...], quando a santa fosse negra.
(EVARISTO, 2016, p. 35).

O trecho expõe, além das figuras dos santos e santas, presentes desde a infância da narradora e esse vínculo com o espiritual e apreço à religiosidade, a falta de representação que pessoas negras vivenciam diante das imagens que são cultuadas serem em sua maioria de pessoas brancas. Diante disto, a narradora continua e pontua sobre o sincretismo religioso, citando orixás de matrizes africanas:

Buscando assegurar ainda mais a validade de meu invento de semelhança para lá e parecença para cá, na ideia do sincretismo, encontrei a solução. Confundi tudo. Adelha Santana Limoeiro, negra, poderia sim, lembrar a santa branca, a Santana, pois a avó de Jesus aparece sincretizada com Nanã, mito nagô. (EVARISTO, 2016, p. 35).

Como se pode depreender, a religiosidade está conectada à comunidade negra, em especial, às mulheres negras e suas experiências de vida. No momento em que suas lembranças remetem à santa branca, rapidamente a narradora lança mão do sincretismo, para validar a falta de representação na religião. O próprio trecho demarca o preconceito enraizado em certas áreas de nossa vida, como a religião, visto que somente no sincretismo

foi possível alguma representatividade e sensação de pertencimento.

Assim como no trecho exposto, a autora também faz da sua escrita um ponto de ligação da literatura afro-brasileira com as religiões de matriz africana citando orixás no conto Olhos d'água, no qual compara as mulheres negras da família da narradora com as Yabás, cujo nome significa Mãe Rainha, que são os orixás femininas, das quais se destacam Iemanjá e Oxum.

[...] Eu entoava cantos de louvor a todas as nossas ancestrais, que desde a África vinham arando a terra da vida com suas próprias mãos, palavras e sangue. Não, eu não esqueço essas Senhoras, nossas Yabás, donas de tantas sabedorias. Mas de que cor eram os olhos de minha mãe? (EVARISTO, 2018, p. 18).

Ainda no conto Olhos d'água, há também a presença do apego à religiosidade nos momentos de dificuldade vividos pela personagem e sua família. Nesta perspectiva, a inserção da temática religiosa nas narrativas de mulheres negras é, de fato, além de uma fonte de esperança diante de inúmeros sofrimentos, é também uma janela na qual podemos vislumbrar o sincretismo religioso e a falta de representatividade em determinadas religiões convencionadas em nosso país.

Lembro-me bem do temor de minha mãe nos dias de fortes chuvas. Em cima da cama, agarrada em nós, ela nos protegia

com seu abraço. E com os olhos alagados de prantos balbuciava rezas a Santa Bárbara, temendo que o nosso frágil barraco desabasse sobre nós. (EVARISTO, 2018, p. 17).

Ainda demarcando a forte ligação da comunidade negra com o espiritual, a narradora descreve seu retorno à terra natal e o encontro com sua mãe:

E quando, após longos dias de viagem parar chegar à minha terra, pude contemplar extasiada os olhos de minha mãe, sabem o que vi? Sabem o que vi? Vi só lágrimas e lágrimas. Entretanto, ela sorria feliz. Mas eram tantas lágrimas, que eu me perguntei se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face. E só então compreendi. Minha mãe trazia, serenamente em si, águas e correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d'água. Águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de mamãe Oxum. (EVARISTO, 2018, p. 18).

Neste sentido, literatura de Conceição é um marco na literatura de mulheres negras e nos mostra na prática o que pregam as DCNERER (BRASIL, 2004, p. 12), sobre o reconhecimento, respeito e valorização às pessoas negras e sua ancestralidade, história e cultura, o que significa compreender

seus valores e lutas, ser sensível ao sofrimento causado por tantas formas de desqualificação, valorizar as religiões de matriz africana e estudar questões que dizem respeito à comunidade negra.

Em suma, os aspectos acima citados dos títulos de Conceição Evaristo, nos mostram que existem projetos, autoras e autores voltados para a valorização da história e cultura da comunidade negra brasileira e sua identidade no âmbito da cultura nacional, assim como estão empenhados e comprometidos com o reconhecimento aos processos históricos de resistência individuais e coletivas desta comunidade, de modo a comprovar o potencial formativo destas produções no âmbito da Educação para as Relações Étnico-Raciais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cristalização de nossos conceitos, definições ou princípios deve exprimir a vivência de cultura e de práxis da coletividade negra. [...] Precisamos e devemos codificar nossa experiência por nós mesmos, sistematizá-la, interpretá-la e tirar desse ato todas as lições teóricas e práticas conforme a perspectiva exclusiva dos interesses da população negra e de sua respectiva visão de futuro. (NASCIMENTO, 1980).

Ao final da escrita desta pesquisa, alguns pontos são importantes para destaque, pois esclarecem o quão relevantes foram os resultados obtidos, o que nos mostra que não se pode encerrar a discussão sobre a relação existente entre a literatura de mulheres negras e a Educação para as Relações Étnico-raciais. A literatura de mulher negra que foi analisada nesta dissertação a partir dos títulos de Conceição Evaristo, tem uma importante contribuição com o fortalecimento de identidades e de direitos da comunidade negra, visto que aponta para o rompimento das imagens negativas impostas aos negros e negras deste país e da historicidade que foi distorcida.

Para que esta pesquisa tentasse responder alguns de meus questionamentos, apoiei-me em teóricos e teóricas que permeiam o campo das Relações Étnico-raciais como Eduardo de Assis Duarte, Petronilha Gonçalves e Silva, Nilma Lino Gomes,

Conceição Evaristo, Kabenguele Munanga, Stuart Hall e Djamila Ribeiro. Neste sentido, foi contrapondo a teoria das Relações Étnico-raciais com outras teorias que se relacionaram como a Literatura Afro-brasileira, Escrivência, Lugar de Fala e Educação para as Relações Étnico-raciais a fim de encontrar as respostas para os meus questionamentos.

Como objetivo principal, traçamos analisar o potencial formativo da literatura feminina e negra de Conceição Evaristo dentro do contexto das Relações Étnico-raciais. Para isto, como objetivos específicos, traçou-se: Contextualizar as discussões sobre educação antirracista e o acesso da mulher negra à educação; compreender os conceitos de literatura de mulheres negras e Escrivência a partir da escrita de Conceição Evaristo e Analisar as potencialidades formativas da literatura de Conceição Evaristo para a Educação das Relações Étnico-raciais. Entretanto, apesar de termos atingido os objetivos propostos, pode-se afirmar que ainda há muito o que se pesquisar em relação às temáticas deste trabalho.

Esta pesquisa teve como ponto central, o estudo sobre o sentido da literatura e da formação étnico-racial, discutindo sobre formação e identidade cultural a partir de títulos da escritora e professora Doutora em Literatura Comparada, Conceição Evaristo. Tratava-se de fazer uma ligação de saberes e práticas formativas da manifestação cultural da comunidade negra. Partiu-se então do pressuposto de que possuímos materiais literários disponíveis que se aproximam do tema das relações étnico-

raciais, assim podemos refletir sobre a identidade cultural negra, literatura afro-brasileira e de mulheres negras, permeando para isso as DCNERER (BRASIL, 2004).

Neste sentido, fez-se necessário levantar o questionamento: quem escreve esses materiais literários, tem mesmo uma relação direta com as questões étnico-raciais, a ponto de causar uma profunda reflexão no leitor literário? Respondendo a esta questão, concluiu-se que as temáticas discutidas nesta dissertação ainda precisam ser debatidas, sendo significativo que o façamos com títulos potentes do ponto de vista das Relações Étnico-Raciais, que apesar de trazerem as duras realidades enfrentadas pela comunidade negra deste país, também tem muito a nos ensinar individual e coletivamente.

Nesta perspectiva, a professora Petronilha Gonçalves e Silva (2010, p.41), afirma que o cenário educacional é o espaço “onde as contribuições de todos os povos para a humanidade estejam presentes, não como lista [...], mas como motivos e meios que conduzam ao conhecimento”. Sendo assim, fica claro diante da potencialidade da escrita de Conceição Evaristo, que podemos discutir pontos importantes da sociedade e da identidade cultural negra a fim de contribuir para a construção de conhecimentos sobre a comunidade negra.

Ao longo da construção desta dissertação, buscou-se evidenciar o potencial formativo desta da literatura de mulheres negras, em especial a de Conceição Evaristo, para que pudéssemos confirmar se há ou não limites para a utilização desta

literatura como fonte de reflexão sobre as questões étnico-raciais, visto que esta pode ser interpretada como espaço de afirmação das nossas trajetórias como ciência.

Assim sendo, pretendíamos demonstrar que a literatura de mulheres negras pode contribuir nas reflexões a respeito das temáticas propostas pelas DCNERER (BRASIL, 2004). Desse modo, entendemos que sua potencialidade está em sua forma de narratividade, trazendo para o debate a condição, a resistência e as experiências das mulheres negras, bem como a luta para serem reconhecidas na sociedade brasileira, mostrando que a desigualdade enfrentada se acentua mais quando tratamos das mulheres negras e que esta está inserida inclusive no cenário da literatura nacional. Para isso, considera-se necessário não só o reconhecimento da condição histórica dessas mulheres por meio da literatura, como também buscar formas de mudanças estruturais e institucionais em nossa sociedade.

Concluiu-se nesta pesquisa que a literatura de autoria de mulheres negras merece cada vez mais visibilidade, pois aponta a questões referentes às representações sociais, bem como estimula a valorização da história e cultura da comunidade negra. Neste sentido, analisamos que esta vertente literária contribui para o reconhecimento da comunidade negra na cultura nacional, de modo a expressarem suas visões de mundo, pensamentos e conhecimentos, rompendo com os conceitos de inferiorização e subalternização da comunidade negra, em especial das mulheres negras.

A partir da construção desta pesquisa, fica perceptível que a literatura de mulheres negras contribui para práticas antirracistas nos espaços de formação, sendo importante refletir sobre a inserção destas obras no espaço educacional. O ambiente educacional perpetuou durante muitos anos a valorização de uma cultura eurocêntrica, hegemônica e patriarcal, ignorando a participação de outras etnias na construção e formação deste país. Nesse sentido, é necessário que o cenário educacional tenha um olhar mais amplo para as experiências e vivências da comunidade negra, visando a correção de desigualdades e a ressignificação da participação dos negros e negras na história nacional.

Ao final desta pesquisa, fica o sentimento de gratidão às muitas mulheres negras que resistiram para que hoje eu esteja engajada no ambiente acadêmico discutindo sobre a Educação para as Relações Étnico-raciais. Para isto, busquei referencial teórico que desse suporte para investigar a literatura de mulheres negras, de modo a fortalecer com a luta antirracista. Não posso, porém, dizer que este caminho foi percorrido facilmente, pois houveram muitos obstáculos, incluindo a impossibilidade financeira, mas fica a certeza de que a pesquisa por mim realizada contribui para o fortalecimento da identidade cultural negra. Assim, a presente pesquisa ainda me fez perceber o quanto a discriminação, o preconceito, o racismo e as dificuldades econômicas permeiam a vivência de toda a comunidade negra, especialmente das mulheres negras.

Conclui-se então, que é importante destacar as condições históricas que provocaram as autoras negras a trazer para o debate a condição e a luta das mulheres negras de modo a garantir o reconhecimento na sociedade brasileira. Ainda é importante discutir a desigualdade entre negros e não negros em todos os planos da sociedade e mostrar que essa desigualdade se acentua mais quando tratamos das mulheres negras. Para isso fez-se necessário não só o reconhecimento da condição das mulheres negras, mas, respectivamente, discutir as formas de gerar as mudanças estruturais e institucionais necessárias no combate à invisibilização da nossa história e cultura.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary G. **Relações Raciais na Escola: Reprodução de Desigualdades em Nome da Igualdade**. Brasília: UNESCO, INEP, Observatório de Violência nas Escolas, 2006. Disponível em:
<http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001459/145993por.pdf>

ABRAMOWICZ, Annete; GOMES, Nilma Lino (org.). **Educação e raça: perspectivas políticas, pedagógicas e estéticas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.

ALMEIDA, Silvio. **O que é racismo estrutural**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ALVES, Miriam. A literatura negra feminina no Brasil: pensando a existência. **Revista da ABPN**, n.3, v.1, nov. 2010-fev. 2011, p. 181-189. Disponível em:
<https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/280/261>
Acesso em: 05 de ago 21.

AMARO, Sarita. **Racismo, igualdade racial e políticas de ações afirmativas no Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015.

AZEVEDO, Amailton Magno. As manifestações afro-brasileiras: Arte, literatura e religiosidade. In: CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco; RASCKE, Karla Leandro (org.). **Formação de Professores: produção e difusão de conteúdos sobre história e cultura afro-brasileira e africana**. Florianópolis: Dioesc, 2014. p. 215-224.

BRASIL. Lei 10.639 de 10 de janeiro de 2003, que altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da

rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Diário Oficial da União. Brasília-DF, 2003.

BRASIL. Lei n. 9394, de 20 dezembro 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei de Diretrizes e Bases da Educação "LDB". Brasília: MEC, 1996. Disponível em: [www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm). Acesso em: 10 mai. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC. 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: MEC, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais. Brasília: MEC, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Plano nacional de implementação das diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Brasília: MEC/SECAD/SEPPIR, 2009.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em Movimento. **Revista Estudos Avançados**. Disponível em: <https://cutt.ly/xxQoSHN> . Acesso em: 13 dez 2020.

CANDAU, Vera Maria Ferrão; RUSSO, Kelly. Interculturalidade e educação na América Latina: uma construção plural, original e complexa. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 10, n. 29, p. 151-169, jan./abr. 2010.

CAVALLEIRO, Eliane. (org.) Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola. São Paulo: Summus, 2001.

CHAGAS, Jéssica Vicência das; SILVA, Alex Sander da. A Literatura Autobiográfica Em Doze Anos De Escravidão: uma leitura étnico-racial. Revelli - **Revista de Educação, Linguagem e Literatura, Inhumas**, v. 10, n. 1, p. 1-13, 21 maio 2018. Disponível em: <https://cutt.ly/0xN8uSk>. Acesso em: 28 mar. 2021.

CHIAVENATO, Júlio José. **O negro no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2012. 240 p

CRENSHAW, Kimberlè. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. Estudos Feministas, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Centro de Comunicação e Expressão, Florianópolis, Santa Catarina, v.7, n. 12, p. 171-188, janeiro de 2002. Disponível em: <https://cutt.ly/VxQaYeb>. Acesso em: 10 nov 2020.

CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Cultura e Política**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2017.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). Escrivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. In: Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica. v. 4 (História, teoria, polêmica). Belo Horizonte: UFMG, 2011.

DUARTE, Eduardo de Assis. (Org.). *Literatura e Afrodescendência no Brasil: antologia crítica: Precursores*. Belo Horizonte: UFMG, 2014. v.1

DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura Afro-Brasileira: Abordagens na sala de aula**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

DUARTE, Eduardo de Assis. O Bildungsroman afro-brasileiro de Conceição Evaristo. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 1, n. 14, p. 305-308, jan./abr. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/g7gPJT4f9yzqMyFyLxR6HBb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 jun. 2021.

EVARISTO, Conceição. **Vozes-mulheres**. 1990. Disponível em: <https://cutt.ly/sxMODTH>. Acesso em: 12 set. 2020.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas Lágrimas de Mulheres**. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'Água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos (in): DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita (in): DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). *Escrevivência:*

a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**, **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365/4510>. Acesso em: 2 jul 2021.

FERNANDES, Florestan. **Significado do protesto negro**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989.

FRASER, Nancy. Mapeando a imaginação feminista: da redistribuição ao reconhecimento e à representação. **Rev. Estud. Fem.** 2007, vol.15, n.2. Disponível em: <https://cutt.ly/LxQa228>. Acesso em: 13 nov 2020

FREITAS, Tais. **Mulheres Negras na Educação Brasileira**. Curitiba: Appris, 2017.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala**. São Paulo: Editora Global, 2005.

GOMES, Nilma Lino; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **Experiências étnico-culturais para a formação de professores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

GOMES, Nilma Lino. Escola, identidade étnica e alteridade. In: **Revista de Educação AEC**, ano 28, n. 98. jan. /mar. 1996.

GOMES, Nilma Lino. Educação e relações raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação. **Revista USP**, São Paulo, n. 68, p. 46- 57, 2005.

GOMES, Nilma Lino. Educação, raça e gênero: relações imersas na alteridade. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 6/7, p. 67–82, 2010. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1862>. Acesso em: 18 nov. 2020.

GOMES, Nilma Lino. Diversidade étnico-racial, inclusão e equidade na Educação Brasileira: desafios, políticas e práticas. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, v. 27, n. 1, p. 109-121, 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/rbpae/article/view/19971/11602>. Acesso em: 18 nov. 2020.

GOMES, Nilma Lino. Relações Étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. *Currículo sem Fronteiras*, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr 2012. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol12iss1articles/gomes.pdf>

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: Saberes construídos na luta por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2017.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Racismo e Anti-racismo no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999.

HALL, Stuart. Que negro é esse da cultura negra? In: *Da Diáspora, Identidade e Mediações Culturais*. Liv Sovik (org.). Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil. Belo Horizonte, 2003.

HOOKS, Bell. Intelectuais negras. **Revista Estudos Feministas**. Rio de Janeiro: v. 3 n. 2. 1995.

HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

KADLUBITSKI, Lidia; JUNQUEIRA, Sérgio. Diversidade cultural e políticas públicas educacionais. *Educação*, v. 1, n. 34, p.179-193,

jan. 2009. Universidade Federal de Santa Maria. Disponível em: <https://goo.gl/Pn2XIR>. Acesso em: 18 nov. 2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MOREIRA, Núbia Regina. O feminismo negro brasileiro: um estudo dos movimentos de mulheres negras no Rio de Janeiro e São Paulo. (Dissertação) Mestrado em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas/SP, 2007.

MUNANGA, Kabengele. (org.) **Estratégias, políticas de combate à discriminação racial**. São Paulo:Edusp, 1996.

MUNANGA, Kabengele. O antirracismo no Brasil. In: **Estratégias políticas de combate à discriminação racial**. São Paulo: Edusp/Estação Ciência, 1996.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis: Vozes, 1999.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: Usos e sentidos**. 2. Ed. São Paulo: Mandarim, 2000.

MUNANGA, Kabengele. (Org.). **Superando o Racismo na Escola**. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Ensino Fundamental. 2000. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf
Acesso em: 22 dez 2020.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude e Identidade Negra ou Afrodescendente: um racismo ao avesso?** Revista da ABPN, v. 4,

n. 8, jul./out. 2012. Disponível em: <https://goo.gl/a41DyC>. Acesso em: 06 set 2020.

MUNANGA, Kabengele. Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje? *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil*, n. 62, p. 20–31, dez. 2015.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Quilombismo**. Petrópolis: Vozes, 1980.

NUNES, Maria Lúcia da Silva; MACHADO, Charliton José dos Santos; VASCONCELOS, Larissa Meira de (orgs.). *Diálogos sobre gênero, cultura e história*. Fortaleza: EdUECE, 2015.

NUNES, Isabella Rosado. Sobre o que nos move, sobre a vida (in): DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

PIOVESAN, Flávia (Coords.). *Igualdade, Diferença e Direitos Humanos*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2008.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando, 2017. Coleção Feminismos Plurais.

RIBEIRO, Djamila. **Quem Tem Medo do Feminismo Negro?**. São Paulo: Cia das Letras, 2018.

RIBEIRO, Matilde. O feminismo em novas rotas e visões. *Estudos Feministas, Florianópolis*, 14(3): 272, setembro-dezembro/2006. Disponível em: <https://cutt.ly/zxQdgGz>. Acesso em 10 nov 2020.

RIBEIRO, Matilde. Mulheres negras: uma trajetória de criatividade, determinação e organização. *Estudos Feministas*, p. 987-1004, 2008. Disponível em:

<https://www.jstor.org/stable/24327814?seq=1>. Acesso em: 12 mar 2020.

ROMÃO, Jeruse (org). História da Educação do Negro e outras histórias. Brasília: SECAD-MEC, 2005.

ROSA, Kelly Cristina Fernandes da. Enedina Alano da Rosa: a identidade da mulher negra educadora no sul do Brasil. Dissertação de Mestrado. Criciúma/SC: UNESC, 2009.

SILVA, Ana Rita Santiago da. **Literatura de autoria feminina negra: (des)silenciamentos e ressignificações**. V. 2, n. 1. Vitória da Conquista: Fólio – Revista de letras, 2010. Disponível em: shorturl.at/sFJR0 . Acesso em 10 jun 2021.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Estudos Afro-Brasileiros: Africanidades e Cidadania. In: ABROMOWICZ, Anete; GOMES, Nilma Lino (Org.). Educação e Raça: Perspectivas políticas, pedagógicas e estéticas. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 37-54

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. In: FONSECA, Marcus Vinicius; et. al (Orgs.). Relações étnico-raciais e educação no Brasil. Belo Horizonte: MAZZA, 2011. p. 11-37.

SIQUEIRA, Maria de L. Conhecimentos, consciência e memória cultural africana no Brasil. XV Encontro de Pesquisa Educacional do Norte-Nordeste (Epenn). São Luís, MA, 2001.

VEIGA, Cynthia Greive. **História da Educação**. 1. ed. São Paulo: Ática, 2007.

APÊNDICE - FICHA TÉCNICA DAS OBRAS ESCOLHIDAS

Título: Olhos d'água

Autora: Conceição Evaristo

Idioma: Português

Edição: 1

Ano: 2014

Editora: Pallas

Número de páginas: 114

Resumo: Em Olhos d'água, Conceição Evaristo publica uma coleção de contos que abordam o cotidiano da população afro-brasileira, não esgueirando-se de temas como pobreza e violência. Seus contos apresentam a vida de diversas mulheres: Ana Davenga, Duzu-Querença, Natalina, Luamanda, Cida, Zaíta. Elas diferem em idade e em experiências, mas compartilham da mesma vida difícil. A autora apresenta mães, filhas, avós, amantes, homens e mulheres, bem como seus dilemas sociais e existenciais, demonstrando a pluralidade da população negra. Sem a pretensão de idealizar, a autora recria as duras condições enfrentadas pela comunidade negra no Brasil.

Título: Insubmissas Lágrimas de Mulheres

Autora: Conceição Evaristo

Editora: Malê

Ano de Edição: 2011

Idioma: Português

Número de Páginas: 140

Edição: 1

Resumo: Insubmissas Lágrimas de Mulheres é o livro de contos de Conceição Evaristo, publicado originalmente em 2011, que retrata a vivência de mulheres negras com riqueza de identidades e subjetividades. Aramides, Natalina, Schirley, Mariarosário são algumas das personagens que retratam experiências dolorosas, mas também a luta e a resistência da mulher negra.